

ENYA CAROLINNE CHAVES PAVÃO

**RECORTES DA VIOLÊNCIA: EMOÇÕES E
ENQUADRAMENTOS DO FEMINICÍDIO E
TRANSFEMINICÍDIO NO JORNALISMO BRASILEIRO**

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

2023

ENYA CAROLINNE CHAVES PAVÃO

**RECORTES DA VIOLÊNCIA: EMOÇÕES E
ENQUADRAMENTOS DO FEMINICÍDIO E
TRANSFEMINICÍDIO NO JORNALISMO BRASILEIRO**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Henrique Moreira Mazetti

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que encontrei nessa jornada, em especial ao meu professor e orientador Henrique Mazetti. Obrigada pelos ensinamentos ao longo desses anos de curso, pela paciência, pelas trocas e por acreditar no meu trabalho. Agradeço aos demais professores do curso e aos técnicos do Departamento de Comunicação Social por todo conhecimento compartilhado. Um agradecimento especial também à professora Débora Madeira e Adriana Helena, por terem aceitado o convite para compor minha banca e por acrescentarem tanto a esse trabalho.

Agradeço à minha família por estar sempre ao meu lado me incentivando e me dando forças para continuar. Minha mãe, Núncia, por ser uma inspiração de garra e força para mim e por me mostrar desde cedo que meu caminho é livre para ser trilhado. Minha irmã, Kamile, por todo companheirismo e pelas palavras que me fazem acreditar que tudo isso vale a pena. Meu pai, Wilton, pelas conversas que ajudaram a organizar minhas ideias e pelo carinho nessa jornada.

Agradeço aos amigos que tive o prazer de dividir os anos de graduação. Ana Kei, Felipe, Julia e Matheus, que estiveram ao meu lado desde o primeiro dia, compartilhando tantos momentos especiais do último ano; Lelê, Yas, Camila, Taynara e Ana Lê, algumas das amigas com quem pude dividir a casinha e um pedaço da vida em Viçosa; Abraão, Mafê, Renata e Vitória, com quem também pude dividir essa jornada. Sou grata a cada um de vocês e sempre guardarei os momentos com carinho.

Agradeço à Letícia por me ajudar tanto nesse processo, do início ao fim.

Agradeço aos projetos de extensão dos quais fiz parte: Cinecom, New Game, ITCP, Museu da Comunicação e também a todos os anos de Cajor e representação discente do curso.

Agradeço por ter tantas pessoas incríveis no meu caminho. Obrigada!

RESUMO

O objetivo desta monografia é analisar como os casos de crimes de ódio contra mulheres são enquadrados e como as emoções são articuladas em matérias jornalísticas do portal de notícias G1, publicadas entre abril de 2022 e abril de 2023. Para alcançar esse objetivo, serão utilizados conceitos relacionados às dimensões culturais das emoções, bem como estudos sobre feminicídio, feminismo, ódio, misoginia e crimes de ódio. A análise conclui que ainda há necessidade de uma abordagem mais aprofundada da violência contra as mulheres pelos veículos jornalísticos, especialmente nos casos de feminicídio, o foco principal deste trabalho. É importante tratar esse tema como um problema social, amparado na estrutura misógina construída pelo patriarcado, e não como um problema individual ou caso isolado.

PALAVRAS-CHAVE

Crime de ódio; feminicídio; emoções.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1. REFERENCIAL TEÓRICO	10
1.1 Feminismo e Emoções políticas	11
1.1.1 Interseccionalidades - Gênero, sexualidade e raça	17
1.2 Ódio e Misoginia	20
1.3 Crimes de ódio, feminicídio e cobertura noticiosa do feminicídio	23
2. METODOLOGIA	26
2.1 Categorias analíticas	31
Fontes e atores	31
Enquadramento do crime	32
Articulação das emoções	32
Edição - hierarquização da matéria, imagens usadas, narrativa	33
Gênero da pessoa jornalista	33
Detalhes da notícia	34
Agressor	34
Vítima	34
Atribuição de culpa	35
3. ANÁLISE	35
3.1 Feminicídio	35
3.2 Transfeminicídio	58
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73
ANEXOS	79

INTRODUÇÃO

"Se me matam, levantarei os braços do túmulo e serei mais forte"

Minerva Mirabal

Minerva Mirabal foi uma mulher, ativista e latino-americana que representa, ao lado de suas duas irmãs, Patria e María Teresa, um dos maiores símbolos da luta das mulheres na história. Em meados dos anos 60, elas lutavam contra a ditadura do então presidente Rafael Trujillo, na República Dominicana, fazendo parte do Movimento Revolucionário 14 de julho. Por conta do ativismo político, as três irmãs, também conhecidas como “Las Mariposas”, atraíram a atenção dos rivais e, por conta disso, tornaram-se alvos de repressão e chegaram a ser presas e torturadas algumas vezes.

No dia 25 de novembro de 1960, quando as três irmãs voltavam de uma visita à prisão, onde estavam os maridos de Minerva e María Teresa, foram vítimas de uma emboscada; o carro em que viajavam foi abordado por agentes do Serviço de Inteligência Militar da República Dominicana. Elas foram retiradas do carro, estranguladas e espancadas até a morte. Os corpos foram colocados no jipe, a fim de simular um acidente. Pouco tempo depois, toda a verdade foi descoberta.

Essa data marcou a história, principalmente da América Latina e da luta das mulheres; mas foi só anos depois, a partir da década de 1980, que as pautas que permeiam a existência das mulheres passaram a ser debatidas. A partir das mobilizações do movimento feminista, que entre outras atribuições, lutavam também pelo reconhecimento das violências contra as mulheres como uma violação dos direitos humanos, tema foi introduzido ao debate nesse contexto. Em 1981, aconteceu na Colômbia o Primeiro Encontro Feminista da América Latina e do Caribe, quando foi declarado que 25 de novembro passaria a representar o dia latino-americano e caribenho de luta contra a violência à mulher. Em 1999, durante a Assembleia Geral das Nações Unidas, essa mesma data foi marcada como o Dia Internacional da Eliminação da Violência contra a Mulher.

Em junho de 1994, a Organização dos Estados Americanos (OEA) estabeleceu que aconteceria, em Belém do Pará, a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher, que também ficou conhecida como “Convenção de Belém do Pará”. Essa iniciativa foi fundamental para a asseguarção da implementação de iniciativas que abordassem a violência contra a mulher como um problema que precisa ser combatido.

O Brasil está entre os países em que as mulheres mais sofrem violência em todo o mundo. Segundo os dados do Atlas da Violência de 2021, apenas no ano de 2018, 4.519 mulheres foram assassinadas no país; foi apontada uma redução nessa taxa em 2019, o ano contou com 3.737 homicídios de mulheres. Esses dados incluem tanto as situações em que as mulheres foram vitimadas pela condição do gênero feminino, quanto situações em que o gênero em si não é uma questão determinante, como em conflitos que se derivam da violência urbana. Os resultados das pesquisas feitas pelo Instituto Igarapé, por meio da metodologia EVA (Evidências sobre Violências e Alternativas para mulheres e meninas), 38.6% das mulheres agredidas em 2019 tinham entre 15 e 29 anos; no mesmo ano, 66% das mulheres vítimas de homicídios eram pretas ou pardas.

Com a pandemia da covid-19, o Brasil passou a enfrentar uma grande crise econômica, social e sanitária, e esses dados de violência foram agravados, principalmente no que se refere à violência doméstica. Isso pode ser entendido por algumas questões que atravessaram o contexto pandêmico, por exemplo: a alteração no funcionamento de redes de apoio às mulheres e, segundo Marques, et al. (2020), a incerteza sobre o futuro, o maior tempo de convivência entre os agressores e as vítimas em casa, o aumento do estresse e até mesmo o maior consumo de bebidas alcoólicas ou outras substâncias psicoativas podem influenciar no aumento dessas taxas.

A violência contra as mulheres representa, hoje em dia, uma das maiores formas de violação dos direitos humanos, interferindo no direito à vida, à saúde e à integridade física, e é resultante da estrutura que sustenta uma cadeia de desigualdades de gênero.

Embora esse assunto já seja debatido há algum tempo e existam iniciativas de proteção e prevenção dessas violências, percebemos que essa realidade ainda é próxima e está longe de deixar de existir. As mulheres ainda são violentadas, não importa onde, nem como e nem quando, seja em casa, no trabalho, na rua, em espaços políticos, por companheiros, familiares ou desconhecidos. Mulheres ainda morrem por crimes de ódio.

Existem muitas linhas em que se pode pensar as diferenças que são impostas entre os gêneros. Se pensarmos a partir de uma construção histórica ocidental europeia, isso é marcado por muitas dualidades que nos afastam ou aproximam de determinadas coisas. O masculino e o feminino, a razão e a emoção, a mente e o corpo, o bom e o mau, o dominante e o subordinado, o político e o pessoal, o público e o privado. Nessa perspectiva, cria-se a ideia de que as pessoas já estão predeterminadas, desde o início de suas vidas, a ocupar um ou outro lado. Desta forma, também é possível entender como a criação da propriedade privada tem influência nessas relações; sendo assim, o privado se associa à família e o público, à política.

De acordo com Sofia Aboim (2012), isso demonstra uma tentativa de instaurar uma ordem de gênero desigual, em que as mulheres são excluídas do espaço público nessa construção moderna da dicotomia artificialmente criada entre público-privado.

Embora também seja muito enraizada essa oposição entre razão e emoção, em que a razão é vista como uma qualidade atribuída ao homem, enquanto a mulher está naturalmente associada à emoção, – o que seria esse oposto – ainda não é muito comum trazer a emoção como categoria de análise em casos de violência de gênero. Ainda que esse seja um elemento que influencia essa cadeia de violências, as emoções, em especial o ódio, estão ancoradas em muitos – senão todos – esses casos. Afinal, todas as relações humanas estão envoltas de emoções, mas, quando se é pensado em diferentes contextos sociais, nem todas as emoções são "permitidas" ou aceitas para todos os grupos de pessoas.

É possível compreender que, com a influência das relações de poder em determinados grupos da sociedade, considera-se que mulheres são pessoas controladas pelas emoções e, por isso, são mais fracas, vulneráveis e não têm controle dos próprios sentimentos; desta forma, deveriam se voltar ao privado, à família, com o dever de servir e suprir necessidades. Os homens, por outro lado, representam a razão, que seria uma qualidade atribuída a eles desde o nascimento, contrariando tudo o que estaria relacionado ao “ser mulher”.

Este pensamento parte de imensas construções criadas ao longo da história. Entre elas, a construção do gênero, que nos traz a ideia de que o que somos ou representamos vem de determinações biológicas. Como aponta Margareth Rago (1998):

Fundamentalmente, passamos a perceber que o universo feminino é muito diferente do masculino, não simplesmente por determinações biológicas, como propôs o século 19, mas sobretudo por experiências históricas marcadas por valores, sistemas de pensamento, crenças e simbolizações diferenciadas também sexualmente (Rago, 1998, p. 92-93).

Fica explícito, assim, que essas divisões entre gêneros são também construções sociais e históricas. De acordo com Rosenwein (2011, p. 8), não é possível separar a história das emoções de "outros tipos de história - história social, história política, história intelectual". Mas quando essas construções passam a produzir desigualdade, opressão, exclusão e violência, é necessário questionar suas origens. Esses diferentes panoramas devem ser pensados em conjunto para um maior entendimento dos contextos atuais.

As mulheres sempre foram colocadas em papel secundário ao longo da história, sendo alvos de machismo e misoginia. Neste ponto, torna-se ainda mais importante relacionar esse histórico que engloba a existência das mulheres com as emoções. De acordo com Ahmed (2014), as emoções representam formas de fortalecer, desafiar ou alterar hierarquias sociais e

de poder; sendo assim, nestes casos, as emoções podem ser colocadas como uma categoria analítica para entender como as violências de gênero ainda são perpetuadas.

A partir de estudos feministas, é possível compreender que esse tipo de violência é persistente por poder se acomodar nesse estado culturalmente criado de superioridade dos homens, que, de certa forma, está enraizada na nossa sociedade. Para que essa realidade seja mudada, é necessário suprimir a base da violência, questionando com maior profundidade as origens do ódio dos homens contra as mulheres cisgêneras e transgêneras.

Quando se trata propriamente dos crimes de ódio contra mulheres, a misoginia pode ser um elemento importante para essa compreensão, pois, de forma literal, significa o ódio pelas mulheres. Esse conceito, de forma simples, representa a necessidade de manutenção do poder de homens sobre mulheres e surge quando este poder está, de alguma forma, ameaçado. Isso ativa o ódio e é o que nos leva a pensar na associação entre a esfera das emoções para o entendimento dos crimes dessa categoria. Afinal, as emoções também são capazes de comunicar mensagens, então o vínculo entre a emoção e a comunicação se torna uma importante ferramenta para entender essas violências.

Conforme o exposto, o objetivo deste trabalho é analisar como as matérias jornalísticas publicadas em um dos maiores portais de notícias online do Brasil, o G1, retratam os casos de violência contra as mulheres. Nesta perspectiva, buscaremos entender como as emoções estão presentes nos materiais analisados, quais angulações são dadas para os sujeitos da mensagem, se há alguma problematização acerca da estrutura de violências e quais são as dimensões das emoções, principalmente do ódio, retratadas nessas matérias.

Para isso, iremos coletar matérias que envolvem a violência contra as mulheres publicadas no portal de abril de 2022 até abril de 2023, observando os detalhes da construção dessas notícias na perspectiva das emoções, analisando se alguns padrões se repetem quando se trata desse assunto. Para as análises finais, as matérias serão divididas em dois eixos para análise, tratando do feminicídio, direcionado para mulheres cis; e do transfeminicídio, direcionado às mulheres trans¹. A intenção é que as particularidades existentes em cada uma dessas vivências, seja levada em consideração. De forma geral, nosso foco é compreender como os crimes de ódio contra mulheres estão enquadrados e como as emoções são articuladas nessas narrativas.

¹ Utilizamos esse termo por ele englobar uma ampla gama de grupos, como transexuais, travestis e transgêneros cujas identidades são dissidentes e, portanto, abrange todas essas experiências de identidade.

Para este trabalho, serão usados como referência os estudos sobre as emoções com Rezende e Coelho (2010), Freire Filho (2017), Kolnai (1935) e Rosenwein (2011), a misoginia com Lopes (2021), dos Anjos (2022), Manne (2017), o ódio e os crimes de ódio com Ahmed (2014), Kolnai (1935) e Emcke (2019), o feminismo com hooks (1952), Gonzalez (2020) e Jaggar (1989), e o patriarcado com Saffioti (2004), Follador (2009), entre outros autores. Em seguida, será apresentado o método utilizado para esta pesquisa e a análise do material coletado, descrevendo, entre outras coisas, as características das matérias e como as emoções são articuladas nesses textos.

Tendo em vista a forma como os casos de violência contra as mulheres são retratados na mídia, especialmente os feminicídios abordados nas matérias jornalísticas publicadas em veículos online, é possível observar alguns detalhes que comumente se repetem: a necessidade de questionar mais profundamente o que faz com que homens continuem matando pessoas apenas pela condição do gênero feminino é anulada; as mulheres são revitimizadas quando tentam justificar o motivo do crime em suas ações, além de muitas vezes o sensacionalismo ganhar espaço. Vamos buscar entender como se dá a patologização dos criminosos em alguns casos, a fim de justificar as violências, ao mesmo tempo que a estrutura que faz com que isso seja sustentado não é problematizada.

Esse trabalho será dividido em seções: na primeira parte, teremos o referencial teórico; nesta etapa, será abordado o feminismo e as emoções políticas, entrando também nas questões de interseccionalidade. Ainda no referencial teórico, na segunda etapa, será abordado o ódio e a misoginia, enquanto na terceira e última, os crimes de ódio, feminicídio e a cobertura noticiosa do feminicídio estarão em foco. Em seguida, será exposto o método para a pesquisa e apresentação. Depois, na parte da análise, serão observados os elementos das matérias jornalísticas de acordo com algumas categorias analíticas e a articulação das emoções nesses conteúdos. Por fim, apresentaremos as considerações finais com base em tudo o que foi apresentado.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

A existência das mulheres é rodeada de estigmas na sociedade. As armadilhas do patriarcado, do machismo, do sexismo, do capitalismo, da misoginia e da invisibilização levam mulheres a situações de desconforto, de violências no cotidiano e até mesmo à morte, o estágio final da aversão que lhes é direcionada. Por mais que essas situações sejam alarmantes, muitas vezes alguns pequenos atos violentos são naturalizados social, cultural e politicamente. Isso leva a pensar nessas violências funcionando como uma cadeia de repetição, que, mesmo que em novas faces, funciona com o mesmo objetivo: a manutenção de um sistema de opressões.

Quando se pensa ainda em outras intersecções em que a história de cada uma dessas mulheres pode estar inserida, esses ataques ainda podem ser amplificados. Por mais que alguns casos ganhem relevância na mídia e possam ser punidos hoje em dia, eles ainda são tratados como casos isolados, aberrantes, e não como situações resultantes de toda uma organização estrutural da sociedade, de onde realmente é possível pensar a origem dessa realidade.

Para questionar isso, é possível trazer novas lentes. As emoções não são comumente colocadas como categoria de análise quando se trata desse tipo de violência, mas elas podem apontar caminhos para se pensar em como isso é perpetuado e refletido na sociedade. Nessa perspectiva, as emoções aversivas podem representar uma forte ligação com o tema, em especial, o ódio, pois essa emoção pode ser entendida como um dos principais pilares que sustenta essa cadeia de violências de gênero. A partir disso, este trabalho busca entender quais as relações que podem ser instituídas entre a comunicação, as emoções e os crimes de ódio contra mulheres. Então, para estabelecer tal diálogo, esses diversos aspectos serão analisados.

Primeiramente, buscarei trazer um pouco do conceito de feminismo e das emoções políticas, entendendo o papel do patriarcado nessa construção, as hierarquias de poder, o gênero e o feminismo em meio a isso, trazendo também, nesse ponto, a discussão sobre interseccionalidades, especialmente sobre gênero, sexualidade e raça. Em seguida, o objetivo será aprofundar mais as emoções, entendendo como elas podem operar nesses contextos, relacionando o ódio e a misoginia como ponto-chave na discussão. E para finalizar, outro tópico que entrará nessa análise são os crimes de ódio contra as mulheres e o feminicídio, visando entender como isso é representado na mídia.

A mídia tem uma importante ligação com a forma como as emoções são construídas na sociedade e o Jornalismo representa um desses braços. A imprensa tem como papel transmitir informações para o público, e elas podem ser anguladas de diversas perspectivas, assim como os casos de violência contra as mulheres. Portanto, compreender como são feitas as angulações e as abordagens sobre o tema tem uma extrema importância para que se possa compreender, também, quais emoções podem ser manifestadas e a repercussão desses temas.

1.1 Feminismo e Emoções políticas

As emoções são ordinariamente entendidas como algo que está associado à individualidade, afastando isso de qualquer vínculo social, cultural e político. Essa concepção traz uma perspectiva de que as emoções são completamente biológicas, instintivas e universais, que acompanham a evolução da humanidade; sendo assim, as pessoas nasceriam com determinadas características emocionais, o que poderia depender do seu gênero e contexto social em que estariam inseridas, por exemplo. Claudia Barcellos Rezende e Maria Claudia Coelho (2010) encontram dois pressupostos fundamentais da etnopsicologia ocidental moderna que explicitam isso: “a percepção de que as emoções estão ancoradas à dimensão psicobiológica do indivíduo e a noção consequente de que as emoções são constantes e universais”. Esses pressupostos nos levam a pensar que essa etnopsicologia molda o que o senso comum entende por emoções e o que elas representam.

Entretanto, entender as emoções dessa forma pode limitar muitas questões que atravessam os contextos de toda uma estrutura que molda e constrói esse sistema na sociedade, porque as emoções podem ser entendidas de diferentes jeitos em outros contextos em que o modo de organização social é diferente. Na perspectiva da etnopsicologia, as emoções representam algumas dicotomias: a razão e a emoção, a mente e o corpo. Como apontado anteriormente, um dos exemplos que representam bem essa dualidade é na representação dos gêneros feminino e masculino: sendo biologicamente opostos, as emoções seriam experienciadas de diferentes maneiras por cada um. Conforme é abordado por Rezende e Coelho (2010):

Os hormônios ditos masculinos e femininos – respectivamente a testosterona e o binômio estrogênio e progesterona – explicariam muitas características emotivas dos gêneros. Os homens seriam mais agressivos do que as mulheres em função da maior presença da testosterona no seu organismo. Já as mulheres teriam várias reações emotivas atribuídas aos hormônios, que marcariam as várias etapas de seu ciclo de vida. Haveria uma maior instabilidade emotiva nos dias anteriores à menstruação, o que, junto a aspectos físicos, configuraria a síndrome da tensão pré-menstrual (TPM). (Rezende, C. B., & Coelho, M. C., 2010, p. 21)

Então, partindo dessa perspectiva, fundamentada em uma concepção biologizante, as mulheres seriam guiadas pela emoção, enquanto os homens, pela razão, ou a mulher seria mais fraca e o homem mais forte, e até a ideia de que as mulheres estariam mais suscetíveis às instabilidades emocionais, enquanto os homens poderiam ser mais violentos e agressivos, tudo por conta dos hormônios de ambos. Isso representaria uma realidade incontestável e imutável, fazendo com que cada um tivesse manifestações diferentes das suas emoções, ou seja, a pessoa mais emocional estaria diretamente ligada às características de comprometimento, envolvimento e humanidade, enquanto a pessoa racional representaria o oposto disso, a frieza e alienação, conforme é apontado também por Lutz (1988).

Se existe um processo de inferiorização das mulheres por serem consideradas naturalmente mais emotivas, entende-se que essas características estão carregadas por aspectos subalternos, enquanto as emoções aversivas que são dirigidas a elas, como o ódio, o desprezo, a raiva, legitimam, de diversas formas, as violências sofridas. Nesse contexto, algumas emoções classificam mulheres, enquanto outras emoções não são somente bloqueadas para elas, mas também configuram uma base de hierarquias sociais que, da mesma forma, são naturalizadas. Ou seja, o grupo de pessoas considerado mais emotivo é alvo de violências mobilizadas também por emoções, levando essa aversão a um patamar moral, em que tenta se desprender do seu caráter, também emocional, para sustentar as hierarquias.

Um exemplo dessas emoções inerentes às mulheres, manifestado durante o século XIX: as mulheres norte-americanas, de classe média, em famílias tradicionais, eram responsáveis pela harmonia familiar; a felicidade era uma característica essencial para que o bem-estar de toda família fosse garantido, e essa emoção, em específico, deveria ser estática, estar sempre acompanhando, como um braço do caráter de cada uma. No entanto, mulheres que não conseguiam seguir com esse padrão esperado eram também responsabilizadas por toda a desordem que poderia surgir no ambiente familiar.

A psicobiologização das emoções afasta os questionamentos e problematizações sobre a estrutura que envolve os "papéis de gênero" em determinados meios sociais, embora sejam reconhecidas as diferenças existentes na forma de manifestar essas emoções conforme o meio social e cultural em que cada indivíduo está inserido. Nesse sentido, a emoção seria natural, mas a leitura social dependeria do contexto sociocultural.

Nessa perspectiva, as mulheres, por serem representadas com sujeitas emocionais e não racionais, são também ligadas à característica de "emocionalmente instáveis", segundo Lopes (2021). Os hormônios seriam vistos como os principais fatores que contribuiriam para essa instabilidade, logo, é algo inalterável e visto como característica negativa. Dessa forma,

as mulheres representariam um grupo mais fraco, inferior e passivo, pelas suas características naturais, enquanto os homens seriam superiores por serem providos de racionalidade e posição ativa.

É possível refletir, diante disso, que as emoções, quando são entendidas como algo que se relaciona exclusivamente ao parâmetro biológico, e que essas, são determinadas pelo gênero atribuído no nascimento de cada indivíduo, não se leva em consideração todo o cenário, o contexto social, as vivências de cada um como indivíduo em meio a todas as construções da sociedade. Na realidade, parte de um padrão predeterminado que se repete, e é aplicado aos grupos como se fossem massas homogêneas. Nesse contexto, só se pode ser um ou outro, sem que exista a possibilidade de fugir à regra, ou seja, as emoções não são compreendidas como uma construção social. Segundo Barbara H. Rosenwein (2011, p. 37), as “emoções devem ser lidas como interações sociais”, ou seja, elas são instrumentos de sociabilidade, não representando apenas algo individual e inato, e é isso que mantém os sistemas culturais de cada sociedade e influencia nas relações humanas.

Assim, as emoções serão pensadas não como algo que é inerente, mas que, na verdade, partiria de uma construção. Nas palavras de João Freire Filho (2017):

A conceituação das emoções como entidades naturais, componentes elementares de nossa constituição biológica, reações instintivas pré-programadas, cuja função foi definida ao longo da marcha evolutiva da espécie humana, obscurece a percepção das possibilidades de análise política e cultural das emoções como produtos históricos, práticas e performances construídas socialmente. (Freire Filho, J., 2017, p. 64-65)

A construção dos pensamentos acerca das emoções está vinculada, em sua grande parte, à psicologia; dessa forma, os aspectos biológicos são essenciais para o entendimento desse conceito, já que a objetividade é um pressuposto essencial para compreender a mente humana, como é destacado por Freire Filho (2017). Para a psicologia experimental, as emoções seriam "fenômenos psicofisiológicos com caráter episódico e curta duração, passíveis, eventualmente, de serem induzidos, observados e mensurados em voluntários, dentro do ambiente ordenado do laboratório" (Freire Filho, 2017, p. 64). Consequentemente, forma-se, em torno disso, um processo comunicacional, em que as emoções são desencadeadas a partir de condicionantes emocionais, gatilhos, respostas afetivas previsíveis ou efeitos comportamentais verificáveis a partir destes métodos.

Levar as emoções ao aspecto natural dificulta a observação delas como algo diretamente vinculado à política e à cultura. Isso não significa que não tenham nenhuma relação biológica, mas que esses aspectos sociais são componentes essenciais para moldar o

que é performado no corpo. De acordo com Jaggar (1989), nem sempre as emoções são convencionais, e quando um indivíduo experiencia uma emoção que pode ser considerada inaceitável no contexto inserido, pode até chegar a duvidar da sua sanidade mental. Quando essas emoções deixam de ser completamente presas aos aspectos psicológicos, é possível fazer observações que fogem de concepções dominantes.

As relações sociais podem ser entendidas como movimentos que aproximam ou afastam. Desde a infância as pessoas estão suscetíveis a compreender “determinados tipos de indivíduos, experiências e ambientes como sendo *intrinsecamente*, amáveis, temíveis, repulsivos ou odiosos [...]” (Freire Filho, 2017, p. 68). Então, em determinados contextos, quando um indivíduo foge do esperado, se torna alvo de vigilância e de patologização.

Nesta perspectiva, é importante pensar nessas relações entre os gêneros e quais são as consequências da naturalização de alguns costumes. Ao mesmo tempo em que as emoções são construídas socialmente, compreendemos que o gênero também vem de uma construção social, que se guia por uma concepção binária, do que se pode ser e o que, definitivamente, não se pode ser, sem que existam meios-terminos ou outras possibilidades de ser e existir. Rago (1998) nos traz um pouco mais dessa ideia da necessidade de desconstrução de binariedades.

Sem incorrer na ilusão de que as mulheres vêm libertar o mundo, acredito que a pluralização possibilitada pela negociação entre os gêneros é fundamental não só para a construção de um novo pacto ético, mas para a própria construção de um ser humano menos fragmentado entre um lado supostamente masculino, ativo e racional e outro feminino, passivo e emocional. A superação da lógica binária contida na proposta da análise relacional do gênero, nessa direção, é fundamental para que se construa um novo olhar aberto às diferenças (Rago, 1998, p. 93).

Pensar o gênero de forma ampla nos ajuda a dar amplitude para um tema atravessado por diversas singularidades e inconsistências, que vem de uma dimensão constitutiva múltipla, que envolve o individual e o social.

Neste caso, a dimensão sexual. O sexo participou indubitavelmente e de forma central na construção histórica de nossa identidade pessoal e coletiva, especialmente no Brasil, mas foi por muito tempo colocado à margem na leitura das práticas sociais (Rago, 1998, p. 93).

A trajetória das mulheres é, nas palavras de Lopes (2021, p. 27), “atravessada por discriminações persistentes, baseadas em padrões injustos e violentos em dinâmicas de julgamento e estereótipos”, ficando, assim, numa situação subalterna, pois o feminino “permanece associado a atributos limitantes, em oposição ao sujeito homem” (Lopes, 2021, p. 28). Isso representa a manutenção das relações de poder entre os gêneros. De acordo com

Follador (2009, p. 4), “a categoria gênero se reporta a uma construção social que delimita os papéis desempenhados por cada um dos sexos na sociedade” e, assim, mulheres estariam sempre em uma posição submissa.

A sociedade ocidental foi construída com base no regime patriarcal, que submete as mulheres ao controle dos homens desde o início de suas vidas. É possível perceber que as raízes desses problemas estão em um passado muito distante, mas que até hoje nos acompanha e faz com que violências sejam permeadas e as mulheres continuem sendo colocadas em segundo plano durante toda a história. De acordo com bell hooks:

Os homens de todas as raças na América estão vinculados na sua base comum de crer que a ordem social patriarcal é a única fundação viável para a sociedade. A sua posição patriarcal não é simplesmente a aceitação de uma etiqueta social baseada na discriminação contra as mulheres; é uma política e compromisso sério em manter o regime político por todos os Estados Unidos e mundo para a dominação masculina (Hooks, 2019, p. 72).

Sendo assim, a autora mostra que o regime patriarcal é uma norma cultural que concede poder, privilégio e prestígio a quem está inserido na identidade masculina. Ou seja, o patriarcado é um sistema fundamentalmente político e sustenta hierarquias. Embora toda essa realidade venha sendo construída há muito tempo, pensando em um contexto mais próximo, a divisão sexual do trabalho é entendida como um dos pilares que sustentam a separação de direitos e deveres entre homens e mulheres. Esta ideia, apesar de não se mostrar explicitamente relacionada às emoções, é também um exemplo de como elas moldam as relações. Havendo essa separação, as desigualdades também são construídas, marcando privilégios, vantagens e desvantagens (Lopes, 2021).

As mulheres estão à margem de muitas violências que advêm desse modo de pensar o local social de cada um; na sociedade ocidental, o regime patriarcal tem muita influência na forma como isso é transpassado por tanto tempo. Para Saffioti (2004, p. 44), o patriarcado “como o próprio nome indica, é o regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens”, ou seja, um sistema que sustenta a ideia de que os homens são naturalmente superiores às mulheres, pregando a dominação e privilégio masculino na sociedade. Essa ideia foi construída com base na religião, na família e nas leis, e é o que faz com que as mulheres vivam sob um sistema de opressões que são perpetuadas e, muitas vezes, naturalizadas. Isso é refletido em todo um contexto de manutenção da opressão de gênero que é enfrentado até hoje.

Ademais, a ideia de manter todos os estereótipos de gênero que são impostos, caracteriza, segundo Lopes (2021, p. 25) “uma tentativa de deslegitimação do sujeito

oprimido que deseja ocupar um local considerado incorreto para ele por seu oposto dominante”. Nesse sentido, a violência de gênero entra como uma ferramenta que apoia essa opressão. Quando o poder do homem, socializado com base no regime patriarcal, machista e sexista, é colocado em risco, surge uma urgência de controle dessa ameaça, que, no caso, são as mulheres ocupando espaços que eram restringidos a elas, e então a violência se torna uma ferramenta de manutenção para isso. Dando um passo à frente, é possível entender os crimes contra as mulheres como algo diretamente ligado à manutenção desses poderes.

Portanto, o movimento feminista “acontece quando grupos de pessoas se reúnem em torno de uma estratégia organizada no intuito de combater o patriarcado” (Hooks, 1952). E nas palavras de Lélia Gonzalez (2020, p. 299), ser feminista “é tomar consciência da sua condição de mulher”. Em meio a todas as adversidades que permeiam a existência das mulheres, muitas lutas precisaram ser travadas para que se chegasse à realidade que vivemos hoje. Ainda que esteja muito longe do ideal, foi possível alterar muitos padrões, embora a estrutura que sustenta tudo isso ainda seja a mesma. Entretanto, pensando neste contexto em que a sociedade está amparada por um sistema político patriarcal e capitalista, de supremacia branca, segundo bell hooks (1952), as mudanças provocadas pelo feminismo podem ser refletidas na “nossa forma de ver o mundo, de trabalhar e de amar”, só que ainda assim, “não acabou com o patriarcado, não erradicou o sexismo nem a exploração e opressão sexistas”.

Na mídia, as violências contra mulheres costumam ser tratadas de forma superficial, dada a profundidade desse tema e a necessidade de se questionar esses atos. Portanto, esse meio se torna essencialmente importante para compreender como as emoções – neste caso, o ódio – cumprem um papel comunicativo. Os atos de ódio funcionam como um enunciado, que atua como um elo na cadeia de comunicação. Sendo assim, os homens misóginos seriam os anunciantes, enquanto as mulheres seriam as destinatárias. De acordo com Freire Filho e dos Anjos (2022, p. 6) "A imprensa poderia ser um elo que interrompesse essa cadeia de comunicação ou, ao menos, fornecesse novos pontos de vista e amplificasse outras vozes. Em vez disso, a mídia costuma propiciar oportunidades de expansão do alcance da fala do acusado”. Ou seja, pensar nas relações que existem entre as emoções e a Comunicação ajuda a compreender muitos desses problemas apontados, entrando neste tema como uma importante categoria de análise em que se é entendido que as emoções são, também, atos comunicativos.

Quando se pensa no feminismo e na forma como este movimento foi adotado por inúmeras de mulheres, percebe-se que as feministas, desde aquele momento inicial, buscavam se unir contra um perigo iminente a todas, em razão da condição do gênero feminino; ao mesmo tempo que essa união representava uma ameaça ao sistema patriarcal. Esse contexto

representa a forma como a misoginia opera na sociedade, o ódio é transmitido por meio de mensagens – por mais que não seja, necessariamente, de forma direta – para o grupo odiado, nesse caso, as mulheres.

Diante disso, a intenção aqui é entender como todo esse contexto é refletido nos meios de comunicação, se os padrões de compreensão dos crimes contra mulheres são apresentados como essa ferramenta de poder, se são passíveis de justificativas a partir dos aspectos psicológicos de quem o pratica ou se fogem da “hegemonia da concepção psicológica de emoção” (Freire Filho, 2017).

1.1.1 Interseccionalidades - Gênero, sexualidade e raça

Até aqui apresentamos que as emoções entram como uma importante categoria analítica para o entendimento de um sistema de violências perpetuadas. Mas é interessante, também, que possamos pensar nessas violências unindo outros marcadores sociais e partindo de uma perspectiva interseccional.

Quando conseguimos trazer a lente de outros símbolos que representam outros eixos de opressão, é possível compreender que há ainda uma somatização de violências, e, logo, de hierarquias, que tentam predeterminar espaços e deveres para as pessoas. O gênero, sexualidade, classe, raça, território e geração, são alguns desses marcadores, que, quando juntos em um sujeito, podem ser intensificados um sistema de opressão e violências.

Entendemos que as mulheres foram colocadas em um espaço de opressão e, embora já tenham avançado muito nos debates identitários, muitas ainda vivem à margem do silêncio. Portanto, torna-se necessário questionar como essa construção em torno da naturalização das violências, advém do sistema patriarcal, e são pensados numa perspectiva branca, cisgênera e heterossexual. Por mais que já tenham acontecido muitas mudanças nessa cadeia misógina, nem todas as mulheres conseguiram se libertar de todas as violências que carregam.

A violência contra pessoas LGBTQIA+ representa hoje, no Brasil, um dos principais problemas na sociedade; o país é campeão mundial em crimes contra esse grupo e é palco de mais da metade desses crimes de todo o mundo. O preconceito e a discriminação contra as pessoas LGBTQIA+ está presente em todos os lugares, seja na família, no trabalho ou no espaço público. Ainda é reforçado no meio social, um padrão de família hétero-cis-normativa e a marginalização desses corpos que não correspondem à essa expectativa, ainda é uma

realidade. Pois em muitos contextos são considerados desviantes por não se encaixarem em normas sociais hegemônicas. O Atlas da Violência de 2021 aponta que:

Na dimensão corporal, a violência se materializa na forma de abandono, estupros “corretivos”, assassinatos e espancamentos. Ainda que diferentes, as violências corporais e simbólicas se sobrepõem, visando aniquilação, apagamento e silenciamento de sexualidades e expressões de gênero dissidentes do modelo único cis hétero historicamente imposto no Brasil, que ganhou força recentemente com a ascensão de movimentos moralistas anti-LGBTQI+ operados pela narrativa de suposta priorização da infância e da família (KALIL, 2020). (Cerqueira *et al.*, 2021, p. 58)

Audre Lorde foi uma pensadora negra, feminista, lésbica e mãe; em seus ensaios, questiona o que envolve esses atravessamentos e se abre para entender como as pessoas que estão fora das normas construídas na sociedade sobre o que é correto, são afetadas por todo o sistema. De forma geral, busca entender como o machismo, o racismo, a heteronormatividade e a homofobia agem nesse meio. Ela explicita esses conceitos como “formas de cegueira” humana, pois brotam de uma mesma raiz: “a inabilidade de reconhecer o conceito de diferença como uma força humana dinâmica, que é mais enriquecedora do que ameaçadora para a definição do indivíduo quando existem objetivos em comum” (Lorde, 2019).

Lorde traz, de forma precisa, como essas interseções, quando juntas, produzem outras camadas de violências: “Mesmo dentro do movimento social das mulheres, nós tivemos que lutar, e ainda lutamos, por essa visibilidade, que é também o que nos torna mais vulneráveis – a nossa negritude” (Lorde, 2019, p. 53).

Gonzalez (2020, p. 298), quando questionada sobre quando tomou consciência da sua luta feminista responde: “Através do casamento. Sou negra e casei com um homem branco. A mulher negra sofre uma discriminação tríplice: social, racial e sexual. A questão racial está ligada diretamente ao feminismo, e a mulher negra é o setor mais oprimido da sociedade”.

Para todas essas formas de violências – machistas, misóginas, racistas, transfóbicas, lesbofóbicas, homofóbicas, etaristas e classistas – existe um mesmo pressuposto: a crença na superioridade de um sobre o outro.

Diante dessas ramificações, surge a necessidade de reconhecer os crimes de acordo com suas singularidades. De acordo com os Princípios de Yogyakarta, a orientação sexual e a identidade de gênero podem ser respectivamente definidas como:

A orientação sexual se refere à capacidade de cada pessoa de sentir uma profunda atração emocional, afetiva e sexual por indivíduos de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero, assim como de ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas (Arbour, 2006, p. 6).

A identidade de gênero se refere experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode corresponder ou não com o sexo lhe atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meios médicos, cirúrgicos ou outros) e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta, modo de falar e maneirismos (Arbour, 2006, p. 6).

O lesbocídio, por exemplo, é reconhecido como um crime que une o assassinato pela condição de ser mulher, com a condição de ser lésbica. Para além de uma determinação terminológico-conceitual, é também uma especificação objetiva do crime de feminicídio, mas que ainda não é reconhecido e amparado da mesma forma. O *Dossiê sobre lesbocídio no Brasil: de 2014 até 2017*, lançado em 2018, nos traz um conteúdo rico sobre investigações de crimes contra mulheres lésbicas, que crescem mais a cada ano no Brasil. Neste material, o lesbocídio é definido como “a morte de lésbicas por motivo de lesbofobia ou ódio, repulsa e discriminação contra a existência lésbica”. De forma mais palpável, o lesbocídio se difere do feminicídio por não possuir características domésticas e familiares de forma tão recorrente, como é apontado:

São hegemonicamente tentativas de extermínio, catalogadas como crimes de ódio e motivadas por preconceito. São ações que demonstram a inabilidade de alguns segmentos da população de aceitarem as lésbicas e as respeitarem como pessoas em igualdade, direitos e deveres constitucionais (2018, p. 19).

Da mesma forma em que ocorrem os feminicídios, os lesbocídios também tem como principais assassinos, os homens. Isso representa que o vínculo conjugal entre vítima e assassino, como é comum nos feminicídios, acontecem em menor escala quando se trata de lesbocídios, mas o preceito misógino está presente em ambos os casos. O ódio às mulheres lésbicas também faz parte da estrutura patriarcal, pois elas também não se submetem às normas de heterossexualidade, logo, ocupam o espaço de “indomáveis”, desordenando um sistema hierárquico.

Apenas em 2019 o Atlas da Violência trouxe o recorte da violência contra a população LGBTQIA+ de forma mais direcionada; até então as divisões eram binárias, entre homens e mulheres. Por tudo que foi exposto até então, considero importante trazer essas diferenciações, tanto pela construção de identidade, quanto pela necessidade de pensar nas especificidades. Quanto não se representa um padrão de gênero e sexualidade, diversas vulnerabilidades passam a cercar a existência dessas pessoas que são jogadas à margem.

As mulheres lésbicas são vítimas de estupros corretivos, espancamentos coletivos e outros ataques. Segundo levantamentos feitos pela ONG Transgender Europe (TGEU) a partir de material publicado pela imprensa, o Brasil é o país que mais mata a população trans e travesti: de 2008 a abril de 2016 foram 845 mortes, representando alarmantes 42% de todos os casos do mundo. Evidencia-se, portanto, crimes de ódio contra essas vivências fora de um padrão heteronormativo que hierarquiza vidas e constitui grupos vulneráveis. (Abreu, 2021, p.61)

Dessa forma, é possível entender a importância de também analisarmos o transfeminicídio nesta ótica.

As mulheres trans e as travestis, além de excluídas da categoria mulher por um discurso biologizante e, portanto, apagadas dos dados relativos à violência sofrida pelas mulheres cisgêneras, são apagadas no movimento LGBTQ+, de modo que as suas mortes acabam sendo contabilizadas como assassinatos de gays ou lésbicas, geralmente tendo suas identidades de gênero e orientação afetivo sexual confundidas. (Abreu, 2021, p.61)

Portanto, quando se trata de um sistema violento, construído em bases patriarcais tão sólidas, as mulheres cis, trans e travestis nunca estão seguras.

1.2 Ódio e Misoginia

O termo misoginia, pela etimologia, vem do grego "*misos*" (ódio) e "*gyne*" (mulher), significando "ódio às mulheres", e é expresso por sentimentos aversivos, como repulsa, hostilidade, preconceito e desprezo. Segundo Kate Manne (2018), a misoginia pode ser incitada por qualquer pessoa, apesar de que, na grande maioria das vezes, seja uma violência que parte dos homens. Embora sigam a mesma lógica, ela aponta que o machismo e a misoginia se diferem, ao passo que o machismo se sustenta em estereótipos de gênero manifestados no cotidiano; são as expressões de regras do regime patriarcal, como a ideia de que as mulheres tenham, biologicamente, emoções mais instáveis e que os homens devem estar em uma posição de superioridade. Enquanto a misoginia atinge um patamar de maior hostilidade, o desprezo ou a aversão pelas mulheres seria como um braço violento do sistema patriarcal que se dedica a colocá-las em locais de subordinação, se motivando pelo ódio. Assim, considera-se que a misoginia é a força motriz para diversos atos de violências e discriminações, tendo como objetivo a eliminação do objeto odiado: as mulheres.

A percepção de resistência feminina ou violações das normas que governam esses papéis sociais naturalmente tenderiam a provocar esse tipo de reação. O que poderia ser a base mais natural para a hostilidade e agressão do que a defecção em relação ao papel de uma subordinada atenta e amorosa? É esperado que isso deixe os beneficiários dessa submissão (no caso, os homens) sentindo-se usurpados e negligenciados (Manne, 2018, p. 50).

O primeiro passo para compreender a lógica da misoginia é entender como o ódio está organizado na sociedade, na tentativa de não reduzir essa emoção ao aspecto psicológico, que surge dentro de uma pessoa de forma descomedida, sem nenhuma relação com questões exteriores. O ódio se adequa a uma posição de rejeição ou oposição do objeto, podendo se assemelhar a características de antipatia, raiva, nojo, desprezo e rancor (Kolnai, 1935). Sendo assim, segundo a percepção de Manne (2018), o ódio alinha corpos individuais e coletivos através da intensidade de vínculos, o que é instável, visto que essa emoção não está inserida naturalmente dentro de um corpo, um objeto ou sujeito, mas se apega a determinados corpos por meio da violência, do dano.

Entender a misoginia como um fenômeno social sistemático, através do foco nas reações hostis que as mulheres encontram ao navegar no mundo social, ao invés das bases psicológicas para essas reações. Tal hostilidade não necessita de forma alguma ter uma base imediata nas psicologias dos agentes individuais. Instituições e outros ambientes sociais podem ser proibidores, frios e hostis em relação às mulheres (Manne, 2018, p. 21).

Sendo assim, o ódio é uma das únicas emoções com capacidade de exterminar. É latente, está vinculado à cultura dos indivíduos, e quando se discute, ainda, as relações entre gêneros, é possível perceber sua relação com a manutenção de poder. Toda emoção tem um objeto e crença, e esses objetos são intencionais. Como aponta Kolnai (1998), o objeto do ódio pode ser uma pessoa, um coletivo de pessoas ou pelo menos algo estritamente expressivo das atitudes, ou palavras de tal, que, por esse motivo, é destinado à destruição. Portanto, a misoginia surge quando há uma ameaça do poder do homem, que antes não era questionado moralmente, atuando como uma forma de tentar resgatar este poder.

Interpretar o ódio como um fenômeno extremo, que só emerge em momentos de tensão cultural e política, ofusca seu papel nas disputas e nas interações que ocorrem, cotidianamente, na sociedade, sedimentando a convicção, bastante confortável, de que a aversão intensa é um hábito patológico do Outro (Freire Filho; dos Anjos; Lopes, 2020, p. 61).

Kolnai (1935), Brudholm (2018) e Ahmed (2014) defendem a mesma ideia de que o ódio, no senso comum, é entendido como algo que se assemelha a várias outras emoções aversivas. A sociedade tende a compreender que esses atos de ódio representam apenas uma afetação individual e interiorizada, que por muitas vezes é influenciada por condições psíquicas ou passageiras, e não como uma relação ou elemento que traz sentido às relações entre pessoas ou grupos. Essa concepção afasta e dificulta o entendimento da real problemática e dos reflexos disso na realidade. Para Ahmed (2014), o ódio pode ser entendido como uma emoção mobilizada em torno de um objeto específico, sob a influência de diversos

fatores sociais, culturais e psicológicos; dessa forma, é moldado segundo as crenças, valores e normas dos espaços em que os indivíduos estão inseridos.

Kolnai (1935) nos traz a ideia de que o ódio é uma emoção cercada por um forte envolvimento pessoal e moral, manifestada de forma profunda, e, por ser algo construído, faz com que exista um compromisso moral com a hostilidade em relação ao objeto de ódio. Isso significa que o sujeito que sente ódio tem o impulso de uma grande convicção moral de que o objeto odiado opera como uma ameaça à sua integridade.

Nessa perspectiva, o ódio às mulheres é uma realidade legitimada pelo regime patriarcal, e a violência de gênero representa uma das faces da manutenção do poder, sendo resultado de um processo que vem sendo construído há muitos anos, nessa base que privilegia o masculino em detrimento do feminino. Ele atua como um componente expressivo da ordem social, pois impõe normas sobre os corpos das mulheres e, assim, fortalece ainda mais as desigualdades e violências.

Como é apontado por Ahmed, "as emoções moldam a superfície dos corpos que ganham forma através da repetição de ações ao longo do tempo" (Ahmed, 2014). Então, a partir disso, é possível compreender que, quando as condições de privilégio masculino são ameaçadas e existe uma luta por reparação dessas regalias, pode passar a existir um comprometimento de toda uma estrutura de poder que foi construída há tanto tempo, podendo desencadear o sentimento de ódio pelas mulheres.

Sendo assim, "o ódio cumpre uma função de controle social, e um dos atributos que impulsionam esse potencial da emoção é justamente o seu caráter comunicativo" (Freire Filho; dos Anjos, 2022). Ou seja, as emoções cumprem um papel essencial na construção de sentidos das mensagens comunicacionais.

Portanto, quando se pensa nos aspectos comunicacionais dos crimes de ódio contra as mulheres, compreendemos que esse ódio é destinado a um determinado grupo; neste caso, mulheres de forma geral. Se estamos inseridos em uma sociedade com bases patriarcais, machistas e sexistas, em que a misoginia está presente no cotidiano, desde as formas mais sutis até as mais drásticas, entende-se, então, que qualquer pessoa que estiver inserida nesse grupo está suscetível a ser vítima dessas violências e crimes de ódio.

Embora, hoje em dia, os crimes de ódio sejam entendidos em maior escala, por muito tempo esse termo sequer existiu. A princípio, os assassinatos de mulheres por parte dos seus companheiros eram chamados de crimes passionais ou "crimes de paixão". O termo passional vem do latim *passionalis*. Entretanto, acredita-se que, neste contexto, o significado de "paixão" se torna algo mais amplo, por não se limitar ao amor entre homem e mulher, mas por

abranger qualquer sentimento que possa gerar uma emoção forte e exageros. Conforme o Dicionário Online de Português, essa palavra é definida como: relacionado com a paixão, sentimento de amor ardente e intenso; causado pela paixão: crime passional; suscetível a sentir paixão; irracional; desprovido de razão ou lógica: comportamento passional. Sendo assim, os crimes que se enquadram nessa perspectiva poderiam ser justificados pelo sentimento de paixão dos criminosos, também pelo amor, e o descontrole das emoções; em muitos casos, o crime poderia até ser absolvido (Aleixo, 2019).

Em análise de muitos processos judiciais que envolvem assassinatos entre casais, Corrêa (1983) aponta a existência de papéis preestabelecidos de acordo com o gênero e que foram fatores determinantes para a resolução judicial. Sendo assim, caso um homem matasse sua esposa e houvesse uma chance de absolvição, o crime em si não seria julgado naquele momento, mas sim “como essa situação e esse acusado são apresentados em público”.

“A lógica da família nuclear com papéis sexuais definidos: homem trabalhador e provedor e mulher ligada ao mundo doméstico, sexualmente recatada e fiel, era o ‘padrão’ que orientava tanto operadores do Direito, quanto julgadores leigos”, (Aleixo, 2019). Os crimes cometidos pelos homens poderiam ser redimidos com a justificativa de que eles só foram praticados em “legítima defesa da honra”, caso suas mulheres não seguissem com o padrão imposto.

Mas essa lógica passou a mudar a partir do surgimento da segunda onda do feminismo no Brasil (1960-1989). Nesse momento, a violência contra as mulheres passou a ser uma pauta, assim como a “sexualidade, direitos reprodutivos e aborto entram nas discussões, bem como a marcação da diferença”, (Sarmiento, 2013).

1.3 Crimes de ódio, feminicídio e cobertura noticiosa do feminicídio

Os crimes de ódio contra as mulheres expressam a violência de gênero de forma mais extrema, representando uma reação sexista e misógina. Apesar de não ter sido sempre assim, ao longo da história, as violências contra as mulheres passaram a ser entendidas como atos determinados, especificamente, pela condição do gênero; dessa forma, corpos femininos e feminizados são alvos de crimes apenas pelo fato de ser. Portanto, a partir disso, tornou-se necessário e importante entender o porquê disso acontecer e como essa estrutura hierárquica de poder ainda é alimentada.

Se há na sociedade uma hierarquia de poder – em que, nesse contexto, os homens estão em um espaço de privilégio – enxerga-se uma necessidade de manutenção desse poder quando ele é colocado em risco. Isso pode acontecer quando as mulheres passam a ocupar

espaços que antes não ocupavam, ou quando, de alguma outra forma qualquer, desestabilizam uma estrutura que foi criada para que elas apenas obedecessem sem questionar.

De acordo com Sara Ahmed (2004), os crimes de ódio podem ser identificados quando o crime é cometido contra um indivíduo que esteja inserido em um grupo identitário, podendo ser de raça, religião, ascendência ou sexualidade, por exemplo. Ou seja, o crime de ódio acontece quando um grupo pode ser visto no corpo de um indivíduo. Portanto, compreender os crimes de ódio dessa forma pode nos ajudar a trazer a reparação de violências estruturais.

Dessa forma, os crimes de ódio representam uma forma de controlar, punir e humilhar mulheres que possivelmente desviam de uma estrutura que as determinam algo. Esses crimes se baseiam em sentimentos aversivos, principalmente o ódio. Como Ahmed (2004) aponta, o ódio é um apego negativo que busca a expulsão, corporal e social, do objeto odiado. Os crimes de ódio contra as mulheres representam isso e acabam contribuindo para que as desigualdades e a marginalização sejam perpetuadas. Esses crimes podem ser representados de diversas formas, como o assédio, a violência sexual, a discriminação e o feminicídio.

Apesar de toda a importância, no Brasil, a Lei do Feminicídio, n.º 13.104/2015, só foi sancionada em 9 de março de 2015, na gestão da então presidenta Dilma Rousseff. A lei passava a prever o feminicídio como um qualificador do crime de homicídio, quando se trata do assassinato de mulheres norteados pela condição do sexo feminino.

O feminicídio é o estágio final de uma cadeia de violências sofridas pela mulher. É um assassinato cometido, especificamente, pela condição do gênero feminino e representa uma tentativa de manutenção de poderes. Jane Caputi e Diana Russel (1990, p. 27) definem o feminicídio como o assassinato de mulheres pelos homens, que se motiva pelo ódio, desprezo, prazer ou sentimento de propriedade das mulheres.

Portanto, entender as emoções como construções sociais, e não como questões psicológicas, nos ajudam a pensar neste ponto: quando se entende que as emoções transmitem mensagens, logo os crimes de ódio carregam, também, uma mensagem. Sendo assim, quando se pensa nas coberturas jornalísticas de casos de feminicídio, deve haver um cuidado especial na forma como essa mensagem é construída e conduzida para o receptor. De um lado, existe a necessidade de sensibilizá-lo para a gravidade dessas violências e trazer a necessidade de criminalização e prevenção desses atos, mas, de outro ponto de vista, a forma como esses casos são retratados pela mídia pode trazer ainda mais danos.

É extremamente importante pensar na forma como essas violências são abordadas, qual recorte é dado para esses casos, se a vítima é colocada nas matérias de forma cuidadosa, se o criminoso é tratado realmente como criminoso, se há revitimização dessas mulheres, se o

fato é colocado de forma sensacionalista, se existe uma real busca por entender as causas dos crimes. Esses detalhes, dentre tantos outros, têm imensa importância quando se trata da cobertura jornalística de crimes de ódio contra mulheres. Nesses casos, pequenos detalhes podem influenciar na percepção dos receptores das notícias. Existe, ainda, um problema quando a cultura patriarcal é reforçada pela mídia, pois, dessa forma, muitos estereótipos de gênero são reforçados, o que corrobora para a objetificação de mulheres.

Além disso, pensar também em como as emoções são articuladas nas matérias nos ajuda a entender como as emoções são produzidas, transmitidas e recebidas em meio a essa cadeia comunicacional e qual é o papel dado a elas em meio a isso, nos mostrando como a mídia influencia a percepção do público. Ou seja, “o ódio às mulheres exerce um importante papel discursivo no ciclo de comunicação criado em torno da cobertura midiática de casos de violência de gênero” (Freire Filho; dos Anjos, 2022, p. 4).

Rita Laura Segato (2018) nos traz a ideia de que, no campo judiciário e na polícia, as formas de se entender o problema da violência de gênero são tratadas de forma rudimentar e superficial. Por isso, é importante compreender a sua capacidade expressiva, que enuncia mensagens. Os homens que cometem esses crimes têm um papel determinante nessa cadeia comunicacional, em um sistema que pode ser compreendido como:

O violador, deste modo, está inserido em um cruzamento de dois eixos de interlocução. Em um dos eixos comunicativos destacados por Segato (2003), o agressor dialoga com a vítima de seu enunciado violento, a quem acredita estar disciplinando e conduzindo a sua posição devida. Assim, é possível dizer que o homem que agride mulheres é um moralista: alguém que se instala em um pedestal e confere a si mesmo o direito de julgar e punir. A agressão, em lugar de crime, se converte, para estes homens, em uma reação justa (Freire Filho; dos Anjos, 2022, p. 6).

A autora ainda aponta um segundo eixo comunicacional para isso:

Os homens que participam dessa comunicação atendem a um mandato, um imperativo de prestar contas aos demais membros da fratria masculina. Neste contexto, a masculinidade é vista como um status, algo que se adquire, mas que se sofre um constante risco de se perder e, portanto, pede frequentes atos de reforço. Enquanto responde a este mandato, o agressor, ainda que atue sozinho, está acompanhado em sua consciência por outros interlocutores a quem deve se provar (Freire Filho; dos Anjos, 2022, p. 6).

Diante disso, o jornalismo e a grande mídia têm um importante papel de interromper uma cadeia de comunicação que reproduz violências, mas que muitas vezes sequer é questionada e colocada em prática. Essa contribuição pode ser feita de diversas formas, seja diversificando os pontos de vista quando se trata dessas matérias ou trazendo luz para a fala de especialistas no assunto, a fim de questionar a estrutura que faz com que essas violências

permaneçam, ao contrário de reforçar o ponto de vista dos acusados, como ainda acontece em muitos casos.

Veremos, a seguir, alguns casos de violência contra mulheres noticiados no G1. Esse portal de notícias foi escolhido por ser um dos maiores e mais acessados do Brasil, reunindo conteúdos que abrangem todas as regiões do país.

2. METODOLOGIA

A intenção deste trabalho é compreender como as emoções são articuladas em matérias jornalísticas quando se trata de violências contra mulheres e, mais especificamente, em casos de feminicídios, pensando também em um plano mais específico: o transfeminicídio. Para isso, os conteúdos coletados serão analisados de forma mais ampla, a partir de alguns elementos de construção de textos jornalísticos, e depois de forma mais direta; o objetivo será entender como se dá a representação das emoções – mais especificamente do ódio – nas notícias que circulam na mídia.

Para ir de acordo com as especificidades dessa análise, nessa pesquisa optamos por nos inspirar nos métodos utilizados em dois trabalhos que tratam de questões semelhantes e se inspiram na análise de conteúdo: o primeiro trabalho é “Conversação sobre violência no Brasil: emoções e demandas por punição em casos de feminicídios e atos infracionais” de Pimentel (2021), e o segundo “Dos crimes sexuais aos crimes patriarcais: narrativas de violência contra a mulher no Jornal do Brasil e no Estado de S. Paulo – 1910 a 2010”, de Dornelas (2021).

Sendo assim, serão analisadas matérias sobre feminicídio e transfeminicídio publicadas em um período de treze meses no portal online do G1, entre abril de 2022 e abril de 2023. Esse portal foi escolhido por ser um dos principais e mais lidos do Brasil, além de veicular os conteúdos de toda a Rede Globo, incluindo afiliadas, e possibilitar que sejam consideradas matérias diversas, de todas as partes do Brasil.

O plano inicial era trazer um terceiro recorte para se pensar na violência de gênero em um sentido mais amplo: o lesbocídio. Este termo tipifica os homicídios contra mulheres lésbicas, que além da condição do gênero feminino, estão marcadas também pelo preconceito acerca da orientação sexual. A importância de se colocar também essa lente para análise é para se pensar no quanto essas violências ainda são negligenciadas.

De acordo com os dados e informações sobre lesbocídio levantados anteriormente é possível notar que há uma grande inconsistência na forma como as investigações são feitas, tal como a disponibilização de dados quando se pensa especificamente nesse recorte; por conta disso, os registros não são precisos, dificultando o reconhecimento desses crimes e acompanhamento dos casos. O nosso objetivo era trazer para a análise também essas informações, mas devido a esse contexto, não foi possível encontrar materiais equivalentes.l.

A seleção de matérias para esta análise foi feita de forma manual, por meio de palavras-chave determinadas, com filtro de tempo e ordem de relevância do portal. Ao todo, foram exploradas cerca de 83 notícias, algumas com mais aprofundamento nos casos e outras com menos. Optamos por dividir esses materiais em dois eixos diferentes: feminicídio e transfeminicídio. Ao todo, foram 58 no eixo de feminicídio e 25 em transfeminicídio. Vale ressaltar, também, que, nas pesquisas, algumas matérias categorizadas em diferentes eixos se repetiram; nesses casos, optei por encaixá-las em apenas um eixo, conforme a maior aproximação entre contexto do conteúdo.

Esses agrupamentos de matérias foram pensados para evidenciar diferenças que atravessam as experiências das mulheres quando se considera – além de toda construção social do “ser mulher” – as pluralidades de gênero e sexualidade. Essa divisão inicial foi feita a partir de uma codificação de caso a caso; o critério utilizado para o agrupamento foi apenas o de palavras-chave que se relacionam com os eixos de análise já preestabelecidos.

Após essa pré-seleção, foram incluídas no corpus de análise apenas aquelas matérias em que seu conteúdo se relaciona com seus determinados eixos, para que, no fim, tivéssemos os materiais mais direcionados. Em todos os casos analisados, buscamos trazer as particularidades das vítimas que são apresentadas ao longo do texto, como forma de buscar entender como algumas questões mais individualizadas podem afetar na forma como essas violências existem. Sendo assim, partiremos de uma perspectiva que tenta revisitar essas possíveis diversidades entre os casos, nesses grupos já pensados, por mais que, em algumas situações, esses dados não estejam explicitados ao longo da matéria.

Consideramos, nesta análise inicial, os homicídios tentados e consumados. Para a análise final, não foram incluídas todas as matérias, apenas aquelas que tinham maior proximidade com os critérios de análise. Em cada eixo, estão matérias em que as vítimas apresentam características em comum; a intenção é perceber quais são as diferenças e semelhanças entre os grupos. Todas as matérias analisadas tratam de crimes de ódio baseados no gênero, mas a prioridade para a análise é trazer casos que se findaram em feminicídios consumados.

As matérias analisadas foram publicadas no portal no período de um ano, entre abril de 2022 e abril de 2023. Além das palavras-chaves, o filtro de data e a ordem de relevância, da ferramenta de busca do próprio G1, nos ajudaram nessa seleção. Todas as 83 matérias coletadas apresentam diferentes casos de violência contra as mulheres, contando com feminicídios tentados e consumados. Esses materiais foram organizados em duas grades diferentes, uma para cada grupo, apresentando alguns dos dados pensados para que pudéssemos aprofundar um pouco mais nessa análise.

No primeiro agrupamento de matérias para análise, que trata de feminicídio, as palavras-chave usadas para identificar essas matérias foram: "feminicídio", "mulher morta", "mulher assassinada", "mulher morta pelo companheiro", "mulher morta pelo marido", "mulher morta pelo ex", "crime de ódio contra mulher" e "crime ódio mulher", como pode ser visto na Figura 1 do anexo.

Para facilitar a análise na questão prática, as matérias foram organizadas com o título, a data de publicação, o link para acesso e a palavra-chave em que a encontramos. Já para a contribuição analítica, foram identificados alguns outros pontos importantes, como: se o feminicídio era citado ao longo do texto, se haviam fotos da vítima, se o criminoso era identificado ao longo da matéria e, se sim, qual era o nível de parentesco com a vítima; analisamos também se era possível identificar alguma emoção sendo articulada no texto, quem eram as fontes utilizadas, informações sobre a vítima, o local onde o crime aconteceu e os detalhes que possam ter sido apresentados no conteúdo; buscamos identificar, ainda, o gênero dos jornalistas que criaram as matérias, para questionar, também, se poderia haver alguma relação com o conteúdo final.

No eixo de transfeminicídio, levamos em consideração estes mesmo pontos para análise no geral, mas, desta vez, questionando se o transfeminicídio era nomeado. Para as palavras-chave de busca, consideramos: "mulher trans morta", "mulher trans assassinada", "transfeminicídio", "mulher trans morta pelo companheiro", "mulher trans morta pelo ex" e "crime de ódio contra mulher trans". A grade de análise pode ser vista na Figura 2 do anexo.

No quadro abaixo, apresentamos a relação de palavras-chave e o número de matérias encontradas em cada uma, em seus determinados eixos de análise.

Quadro 1 - Relação de matérias encontradas a partir de palavras-chave

	Eixo	Palavra-chave	Quantidade de matérias
--	-------------	----------------------	-------------------------------

1	Feminicídio	Feminicídio	12
2		Mulher morta	11
3		Mulher assassinada	9
4		Mulher morta pelo companheiro	12
5		Mulher morta pelo marido	6
6		Mulher morta pelo ex	2
7		Crime de ódio contra mulher	0
8		Crime ódio mulher	7
9		Mulher morta pelo ex	2
10		Assassinada	2
11	Transfeminicídio	Transfeminicídio	0
12		Mulher trans assassinada	5
13		Mulher trans morta	14
14		Mulher trans morta pelo companheiro	1
15		Mulher trans companheiro	3
16		Mulher trans morta pelo ex	0
17		Crime de ódio contra mulher trans	3

Essa divisão entre os dois eixos de análise foi pensada para que essa seleção pudesse trazer uma maior diversidade de corpos violentados, pensando em alguns recortes sociais, como raça, classe social, gêneros, sexualidade, localização e idade das vítimas, por exemplo. Por mais que em muitas situações alguns desses aspectos não estejam evidenciados nas matérias em análise, compreendemos também que isso nos comunica algo. No geral, foram colocadas em foco outras nomenclaturas dadas aos atos violentos que consideram questões mais específicas de gênero e sexualidade, para além disso se levantar a necessidade e importância. Embora já tenhamos isso em mente, a partir das análises, é possível perceber que nem todos esses recortes são apresentados nos conteúdos. Ainda assim, buscamos trazer o máximo de informações possíveis, visando entender também como as possíveis intersecções afetam a forma como esses crimes são abordados em matérias jornalísticas.

No quesito jornalístico, será levado em consideração o tom em que os casos são noticiados, se há presença de estereótipos de gênero, se os padrões se repetem em mais de uma matéria, se existe um apontamento ou problematização dos crimes de ódio contra mulheres, se existe diversidade de fontes para construir essas narrativas, se as coberturas são responsáveis e também a sensacionalização dos casos. Será questionado, ainda, como as emoções estão articuladas em cada matéria, em especial, o ódio, visando compreender se a mídia influencia a percepção do público sobre a violência de gênero. Em casos de menções explicitadas de outras emoções, elas também serão consideradas.

Não é comum encontrarmos matérias jornalísticas em que o ódio é colocado como um motivador para os crimes cometidos contra mulheres, mas outras emoções costumam ser mais articuladas nesses casos, como em situações em que as violências são “justificadas” pelo ciúme do agressor, como apenas um momento passageiro de raiva, ou pelo amor, ou paixão que sentem pela vítima; estes, por muito tempo, foram legitimados como crimes passionais, os “crimes de paixão”.

Teremos uma grade de análise que leva em consideração cada um dos pontos pensados para questionar esses aspectos, como os citados acima. A partir disso, será viável trazer possíveis intersecções entre os casos e, também, o que os diferencia. Foram definidas, então, categorias analíticas, que nos ajudaram a aprofundar na análise do conteúdo. A seguir, serão apresentados alguns quesitos mediadores para essa análise.

2.1 Categorias analíticas

No quadro a seguir apresentamos as categorias analíticas usadas para direcionar a análise desse material coletado. Cada uma delas foi pensada para que fosse possível refletir sobre as características de como são retratados os casos de violência na mídia, considerando alguns pontos que podem moldar a forma como essas informações são recebidas. Esse tipo de análise foi inspirado também em trabalhos semelhantes.

Quadro 2 - Categorias analíticas

Categorias analíticas
Fontes e atores
Enquadramento do crime
Articulação das emoções
Edição da matéria - Hierarquização, imagens, narrativa
Detalhes da notícia
Agressor
Vítima
Atribuição de culpa

Agora serão apresentadas as características que foram levadas em consideração para cada uma dessas categorias de análise.

Fontes e atores

As fontes e os atores que são procurados e situados ao longo do texto podem representar um dos elementos mais importantes para a construção de uma matéria jornalística, pois é a partir desses elementos que as narrativas são construídas e direcionadas. Em caso de matérias sobre violência contra as mulheres, compreender quais são essas fontes utilizadas nos ajuda a entender também como esses casos são mediados, quem são as referências mais pensadas para fazer parte dessa construção jornalística. Sendo assim, buscaremos entender quem são as autoridades que falam sobre e se existe um padrão de fontes para esse tipo de conteúdo, por exemplo. Para a análise desse material, enquadraremos as fontes aqui nas categorias: amigo da vítima, familiares da vítima, especialistas da área de violência ou gênero,

psicólogos, fontes judiciais, policiais e demais representantes da segurança pública, advogados, testemunhas, membros da sociedade civil e suspeitos.

As fontes ajudam na criação das narrativas, por trazer a possibilidade de termos diferentes pontos de vista sobre um mesmo tema. Dessa forma, entendendo que a presença das fontes tem um papel essencial nas matérias, a ocultação de outras fontes e a forma em que as fontes são hierarquizadas também têm uma grande importância para a análise. A forma como os atores sociais são selecionados para levar as informações para o público final atua na construção de sentidos, influencia na interpretação e moldam um padrão. A presença, a ausência, o destaque e o silenciamento de determinadas fontes são pontos importantes para se pensar nessas narrativas.

Enquadramento do crime

O foco neste trabalho é trazer casos de feminicídios consumados, a forma letal do ódio. Mas dentro da coleta geral para análise também foram encontrados casos de feminicídios tentados e outras formas de crimes de ódio contra mulheres.

Portanto, outro ponto apresentado será a forma como a violência é abordada nas matérias. Buscarei aqui, trazer algumas respostas sobre o enquadramento dado para esses casos, como a forma como os crimes são nomeados, se existe uma problematização da estrutura violenta que sustenta esses crimes, se outras questões sociais são abordadas – além de questões jurídicas – e se esses casos são, de alguma forma, tratados como casos isolados.

Articulação das emoções

A principal categoria de análise para este trabalho são as emoções, buscamos entendê-las aqui como parte de uma cadeia comunicacional, que carrega mensagens ao objeto que se destina. E diante de tudo que foi exposto, compreendemos que elas são responsáveis por fazer parte de uma construção social que molda as relações, por isso sua aplicação nessa análise é desafiadora e complexa.

O ódio foi a emoção usada para nortear essa pesquisa desde o início, por se tratar de um tema que investiga propriamente os crimes de ódio. Essa emoção é reconhecida por ter um objetivo comum, que é a destruição do objeto odiado, mas ainda assim, não é tão simples e exata, existem diversas formas em que ela é expressa. Reflito a partir disso também a relação atribuída ao ódio e ao amor, o que fica perceptível nos materiais de análise, é que essas duas

emoções atuam quase que em uma oposição, mas Kolnai (1935, p. 21) afirma que o ódio exige uma significação e uma atividade do objeto mais estritamente determinadas, bem como uma situação de parentesco mais estreitamente confinada, do que o amor. Ou seja, o ódio necessita desse objeto odiado.

São muitas camadas que expressam essa amplitude e intensidade em que o ódio pode aparecer, muitas vezes o ódio nem será considerado como um ponto motivador de crimes. Portanto, primeiramente me atentei a buscar as emoções nas matérias por meio do critério léxico, além de ódio, foram pensadas em palavras que traduzem alguns outros sentimentos aversivos, mesmo que não se tratem diretamente de ódio. Para as análises, primeiro buscaremos entender como se dá a articulação das emoções de forma geral, e depois levarei o foco para algumas emoções específicas, como o ódio, o amor, o ciúme e a raiva.

Como já foi dito, as emoções, quando são articuladas em um contexto, sempre estão destinadas a um objeto. A depender desse objeto ao qual as emoções são direcionadas, elas podem ser expressas de diferentes formas. Portanto, compreender o objeto é tão importante quanto compreender as emoções explicitadas, e por isso também será levado em consideração nessa análise quem são esses alvos das emoções articuladas, podendo ser as vítimas, os suspeitos/criminosos, amigos, familiares, mulheres no geral e outros objetos que possam surgir ao longo das matérias.

Edição - hierarquização da matéria, imagens usadas, narrativa

Pensaremos também na edição, ou seja, a forma como essas matérias são construídas a partir dos elementos narrativos. Algumas das formas como isso pode ser questionado é refletindo se existe uma hierarquização de informações, se há omissão ou realce de detalhes, quais imagens são usadas, qual o tipo de narrativa utilizada na matéria, como se dão os desdobramentos do caso, e ainda, se existe um padrão jornalístico na forma em que as matérias sobre violência de gênero, focando nos casos de feminicídio, são retratadas na mídia.

No primeiro momento, essa etapa da análise será feita de forma visual e mais superficial, pensando nas imagens e qual é a contribuição delas para essa construção narrativa. Em seguida os outros pontos também serão analisados de forma mais detalhada.

Gênero da pessoa jornalista

Embora existam muitas variáveis, outro ponto que também foi pensado para a análise é a perspectiva da pessoa que escreve as matérias. O questionamento aqui é se quando outras mulheres escreviam as matérias era possível perceber alguma diferenciação expressiva na

forma como se dava o tratamento, se havia um cuidado maior na escolha das fontes, se era levado um maior aprofundamento dessa estrutura de violências, entre outras questões. Ou seja, buscaria entender se quando a pessoa que escreve parte de um mesmo contexto social em que a vítima também estaria inserida, existiria alguma diferenciação na forma como o conteúdo é tratado, por estar partindo de uma mulher, que, por sua vez, também é um potencial alvo do tipo de violência abordado.

Mas ao perceber que esse ponto não apresentaria um dado preciso, e logo, uma análise tão certa, decidi por não seguir com essa categoria na análise em si.

Detalhes da notícia

Essa categoria é voltada para a compreensão de como o ato criminoso é abordado, em relação aos detalhes explicitados. Por exemplo, como foi a morte da vítima, como o suspeito foi encontrado, se é revelada a situação em que o crime aconteceu.

Agressor

Buscaremos entender também quem são os agressores; se eles são identificados ou não; se fazem parte do círculo social da vítima ou não; qual o grau de parentesco (caso haja); se são informados detalhes da sua vida, como nome, idade, foto, profissão; se há histórico criminal, entre outras questões. Usando isso também como grau de comparação quando se trata dessas mesmas informações que podem ser publicadas sobre as vítimas. Ainda sobre o agressor, será levado em consideração se é informado algo sobre a punição pelo crime, sobre as características físicas e sociais dele, e se a matéria busca levar, de alguma forma, uma justificativa do agressor pelo crime cometido.

Vítima

Pensar também no perfil das vítimas dessas violências torna as problematizações mais tangíveis. Então levamos em consideração algumas características que podem ajudar a questionar onde essas vítimas estão enquadradas e qual espaço que elas ocupavam socialmente. Alguns desses pontos são: idade, profissão, raça, o local do crime, o gênero e a sexualidade delas. Nessa perspectiva, buscaremos também trazer elementos que humanizam a vítima na matéria, se há presença de fotos e o que elas simbolizam na construção.

Atribuição de culpa

Nas matérias de análise serão identificadas a forma como se dá a culpabilização dos crimes. Sendo assim, buscaremos entender se existe uma atribuição de culpa à vítima em algum grau, se apenas o criminoso é culpabilizado. Caso não se enquadrem em nenhuma dessas situações, buscaremos identificar se a culpa é atribuída a terceiros ou se não atribui culpa a ninguém.

3. ANÁLISE

3.1 Femicídio

Como dito anteriormente, as matérias selecionadas para análise foram divididas em dois eixos, sendo o primeiro deles com conteúdos sobre feminicídio, direcionado especificamente para mulheres cis. Esse foi o eixo em que foi encontrado o maior fluxo de matérias de acordo com as palavras-chave utilizadas para a pesquisa. O feminicídio se trata da qualificação do crime de homicídio contra as mulheres, quando a condição do gênero feminino é um fator determinante, que se motiva pelo ódio e parte de problemas estruturais da sociedade, como o patriarcado e o machismo. O feminicídio é um ato misógino, que visa controlar e eliminar o objeto odiado, nesse caso, as mulheres de forma geral.

Buscamos selecionar, nesse eixo, apenas matérias que tratavam de violências contra mulheres cisgêneras, em que a sexualidade não fosse um elemento norteador. Como não trouxemos um eixo de análise para se tratar especificamente dos crimes de lesbocídio, devido à dificuldade de encontrar matérias em que feminicídio era praticado contra uma mulher lésbica, optamos por concentrar todo e qualquer caso de violência contra mulheres cis nesse eixo. Aqui, levaremos em consideração 58 matérias coletadas; vale ressaltar que algumas delas tratam do mesmo caso, com seus desdobramentos; o critério para que algumas apareçam mais de uma vez foi a ordem de relevância na ferramenta de busca do próprio portal.

O G1 é considerado um dos principais portais de notícia do Brasil, abrangendo todo território nacional, e conta com matérias escritas por diversos jornalistas espalhados pelo país. Por conta desse amplo alcance e fluxo, não conseguimos mensurar a quantidade de matérias publicadas por dia nas editorias. Esse conteúdo do site é enquadrado como factual, ou seja, trata-se de pautas quentes, se referindo a assuntos de interesse público. No portal também é

possível encontrar o conteúdo dessas matérias desenvolvidos em outros formatos, como o televisivo, que às vezes está incluído em alguma matéria que se refere ao mesmo assunto.

O foco dessa análise é trazer casos que identifiquem o estágio final da violência contra as mulheres, no caso, o feminicídio. Mas, a partir dessa observação, percebemos que nem sempre os casos de feminicídio são qualificados dessa forma nas matérias jornalísticas. Então, partindo disso, analisamos a estrutura dessas matérias para entendermos se há alguma diferença quando o feminicídio é citado ou não.

De forma geral, foi possível observar que a maioria das matérias não citava o feminicídio em si, por mais que se tratassem de crimes fatais. Nesses casos, as violências eram nomeadas como assassinatos ou homicídios, sem levar em consideração toda a situação em que o crime está envolvido. Em quase todos esses casos, o criminoso tinha uma relação com a vítima; nessa análise, foi possível encontrar violências cometidas por marido, namorado, enteado, irmão, companheiro, ex-namorado, ex-marido e ex-genro.

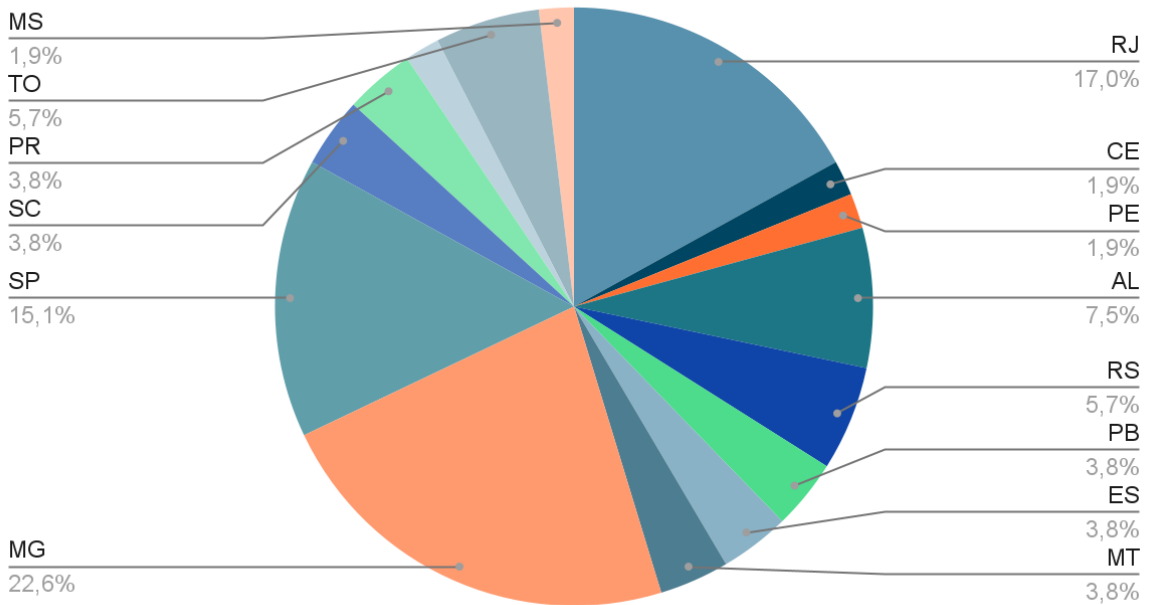
Um detalhe pensado para trazer a essa análise também foi tentar evidenciar a raça das vítimas das violências. Percebemos que este ponto não é tratado nas matérias de forma direta, mas, ainda assim, quando haviam fotos das vítimas em que a raça poderia ser indiciada, busquei trazer esse recorte, embora não seja possível trazer esses dados com maior precisão. Segundo os dados de homicídios de mulheres de uma pesquisa feita pelo Instituto Igarapé em 2020, as mulheres pardas são as que mais morrem nessas circunstâncias. Na sequência, estão as mulheres brancas e pretas, respectivamente. Mulheres amarelas e indígenas aparecem em menor proporção. No geral, em 2020, 67,4% das vítimas de homicídios eram pretas ou pardas.

A idade das vítimas foi um critério pensado para a análise inicial desse conteúdo. A partir disso, buscava entender se em alguma fase da vida as mulheres estariam mais vulneráveis e propensas a serem vítimas de violências. Entretanto, depois da coleta de todo o material e da comparação entre eles, foi possível perceber que a idade dessas mulheres não é um fator marcante e que possa trazer determinações mais específicas. As mulheres vítimas de feminicídio identificadas nessas matérias tinham idades variadas, sendo assim, podemos compreender que mulheres de qualquer idade podem ser potenciais vítimas de violências ao longo da vida.

Outro critério utilizado para essa análise foi a relação dos estados brasileiros em que aconteciam os crimes, de acordo com essas matérias de maior relevância do G1. Os estados do sudeste são os que aparecem em maior número.

Gráfico 1 - Matérias sobre feminicídio em cada estado do Brasil

Matérias por estado



Segundo dados da pesquisa de Violência contra meninas e mulheres no 1º semestre de 2022, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, no período de 2019 até 2022, houve um crescimento de 8,6% do número de vítimas de feminicídio no sudeste do Brasil. No primeiro semestre de 2022, foram 227 feminicídios registrados, dado que coincide com a quantidade de matérias encontradas no G1. Nesse mesmo período, tivemos o nordeste como segunda região com mais registros, totalizados em 199. Seguido por sul com 116, centro-oeste com 87, e a região norte com 70, o menor número do país.

Esses números são importantes para entender onde está a maior concentração de crimes contra as mulheres no Brasil. Em contraponto, é importante ressaltar também que a subnotificação de violências contra as mulheres é um problema que ainda permeia, o que dificulta a precisão tanto dos dados que temos hoje, quanto nas matérias jornalísticas veiculadas.

Aqui iniciaremos a análise, de acordo com os pontos abordados acima.

Fontes e atores

Devido a toda a importância que as fontes e os atores que fazem parte de um conteúdo jornalístico têm para a construção de sentidos nos conteúdos e na forma como a mensagem é

levada para o receptor, busquei, na análise, quantificar quem eram as fontes apresentadas em cada matéria.

Foi observado que, nos casos de feminicídio, as principais fontes usadas nas matérias são as equipes policiais; tratamos aqui tanto a Polícia Militar, quanto a Polícia Civil, estando em 39 das 58 matérias analisadas. Ou seja, em uma grande parte dos conteúdos, a polícia é uma fonte primária, e em muitos casos, essa era a única fonte utilizada, contando, às vezes, com as informações dos Boletins de Ocorrências. Foi comum encontrar casos em que o crime era apresentado de forma mais curta e com poucas fontes, o que evidencia um interesse maior em informar um crime de forma rasa do que aprofundar e problematizar a estrutura da violência.

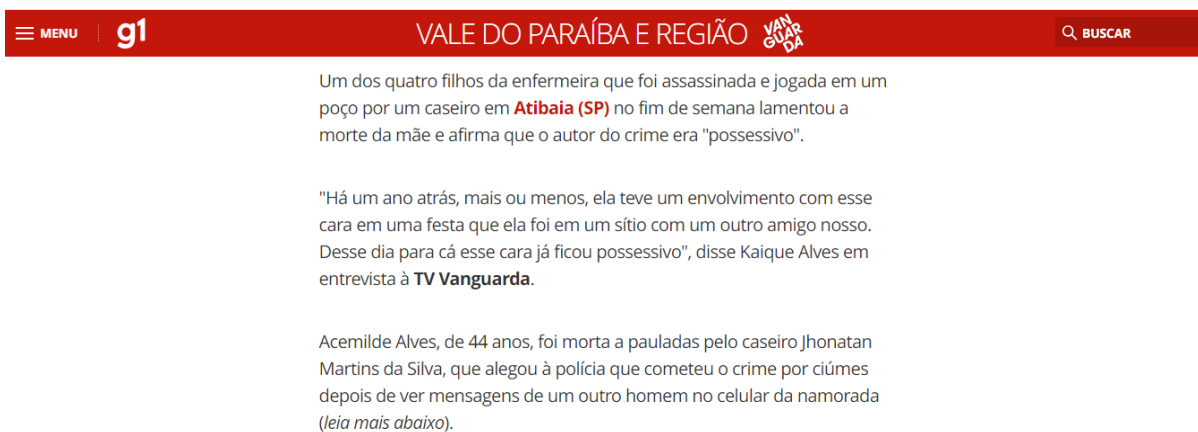
Para Caldeira et al. (2020), isso pode ser influenciado por vários fatores, como o pouco espaço reservado a esse tópico; pela dinâmica de trabalho dos jornalistas nas redações, podendo faltar oportunidades ou interesse em apurar os crimes com mais profundidade; e também pelo fato dos jornais optarem por utilizar um linguajar jurídico, evitando rotular os personagens envolvidos em um crime antes do processo formal do julgamento; isso vale também para que possam se prevenir de problemas legais.

Percebemos, nessa análise, que outra fonte bastante procurada quando se trata desses casos são os delegados, estando presentes em 14 delas. De todos esses, apenas uma é identificada como mulher, sendo também uma delegada titular da Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher do município em que o crime aconteceu. Essa é a única fonte que parte de uma perspectiva de especialista no assunto de violência contra as mulheres. Juízes e advogados também costumam ser fontes consultadas em casos de violência, o que nos leva a entender que as fontes jurídicas, no geral, carregam uma grande parcela da construção de sentidos acerca da violência contra as mulheres e a forma como isso é levado para a sociedade.

Os familiares da vítima também são uma das principais fontes ouvidas nessas matérias, entre eles encontramos mães, primas, avós, filhos e tios. Quando essas fontes são levadas, geralmente trazem um contexto de como essa vítima era, qual era a relação com o criminoso e mais detalhes de sua vida pessoal. Essa perspectiva, por vezes pode ser usada para conferir dignidade à vítima, mas, em outros casos, pode ser uma ferramenta que contribui para o sensacionalismo da matéria.

Como um exemplo disso, trouxe aqui o caso de Acemilde Alves. Nessa matéria, percebemos que o filho da vítima teve um papel muito importante na construção da narrativa, pois, ao contrário de muitas, foi levado o contexto em que a vítima estava inserida em relação

ao criminoso. O filho afirma que a mãe não estava em um relacionamento com o homem que a matou, como afirmava o próprio criminoso para a polícia e para outros veículos. Aqui temos um trecho da matéria em questão:



Um dos quatro filhos da enfermeira que foi assassinada e jogada em um poço por um caseiro em **Atibaia (SP)** no fim de semana lamentou a morte da mãe e afirma que o autor do crime era "possessivo".

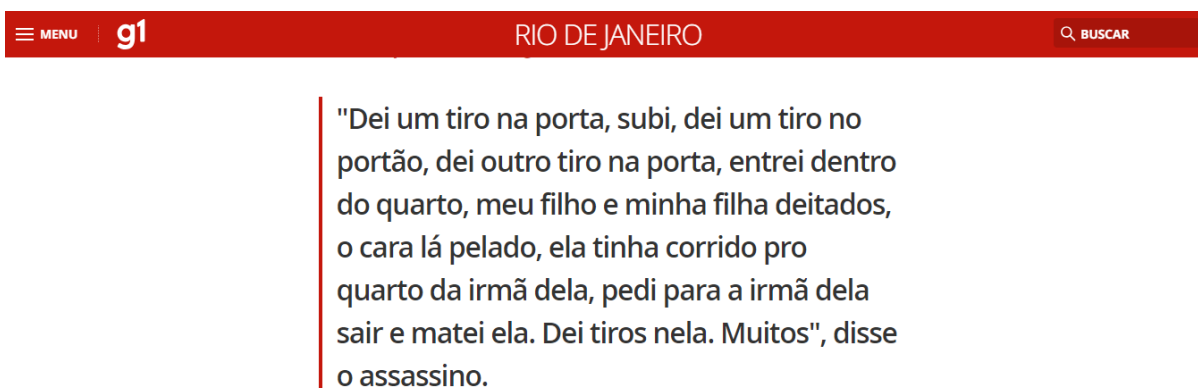
"Há um ano atrás, mais ou menos, ela teve um envolvimento com esse cara em uma festa que ela foi em um sítio com um outro amigo nosso. Desse dia para cá esse cara já ficou possessivo", disse Kaique Alves em entrevista à **TV Vanguarda**.

Acemilde Alves, de 44 anos, foi morta a pauladas pelo caseiro Jhonatan Martins da Silva, que alegou à polícia que cometeu o crime por ciúmes depois de ver mensagens de um outro homem no celular da namorada (*leia mais abaixo*).

Imagem 1 - Caso Acemilde Alves

Dentre todos os casos analisados, neste foi perceptível uma participação mais ativa de um familiar para a construção da narrativa.

Outro exemplo que temos da participação de familiares como fonte nas matérias é o que mais se aproxima da maioria dos casos quando levam a fala da mãe da vítima. Esse é o caso de Sarah Pereira, uma jovem de 24 anos assassinada pelo ex-companheiro. Nessa matéria, temos uma fonte que não foi encontrada em quase todos os casos, pois temos o relato do próprio criminoso, que confessou o crime:



"Dei um tiro na porta, subi, dei um tiro no portão, dei outro tiro na porta, entrei dentro do quarto, meu filho e minha filha deitados, o cara lá pelado, ela tinha corrido pro quarto da irmã dela, pedi para a irmã dela sair e matei ela. Dei tiros nela. Muitos", disse o assassino.

Imagem 2 - Caso Sarah Pereira

E em seguida, temos uma fala da mãe da vítima, que age como forma de mobilizar o sofrimento e indignação com o ocorrido:



Segundo a mãe de Sarah, ela **apanhava do ex e era vítima de agressões**. "Eu sempre falava, mas hoje em dia ninguém escuta ninguém. Ela tinha terminado, não queria mais nada com ele. Cadeia é pouco para ele, cadeia é pouco", afirmou Beatriz

Imagem 3 - Caso Sarah Pereira

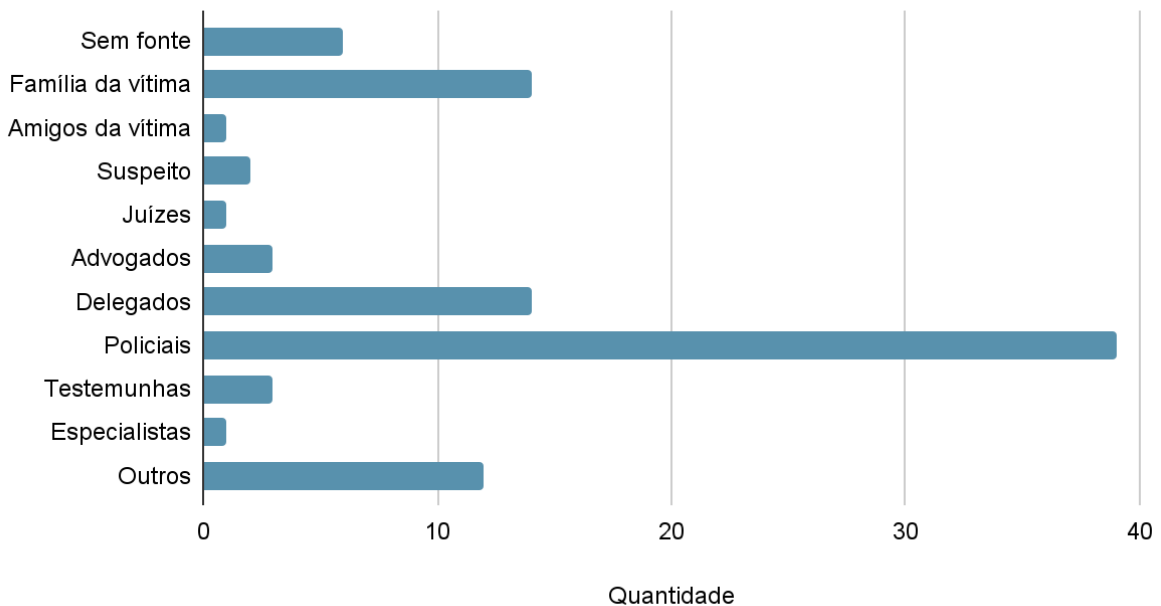
Além dessas fontes, essa matéria contou com um relato do Corpo de Bombeiros; desta vez, a polícia não entrou como uma fonte oficial para o relato do crime.

Alguns dos textos não apresentam nenhuma fonte, sendo geralmente só uma nota que informa o acontecimento de forma superficial. Em algumas outras matérias, são citadas como fonte as amigas da vítima, testemunhas do caso, o próprio suspeito do crime, juízes, advogados e outros, que inclui atores da matéria que não têm uma relação direta com o caso.

No quadro abaixo, temos especificadas quais fontes são citadas em todas as matérias da análise.

Gráfico 1 - Fontes das matérias de feminicídio

Fontes das matérias



Dessas 58 matérias em análise, foram ocasionalmente encontradas mais de uma notícia que tratava do mesmo caso, abordado em textos diferentes, com seus desdobramentos, processos e conclusões acerca do crime. De todas as matérias, a grande maioria das fontes citadas são homens, e não encontramos especialistas nos assuntos de gênero e violência. Toda essa estrutura, de tratar os casos sempre com as mesmas fontes, de não haver um interesse mais amplo em trazer especialistas em violência de gênero, contribui para que essas violências continuem sendo tratadas como casos isolados, não como parte de toda uma estrutura social que permeia isso, por mais que às vezes passe despercebido. Por isso, é importante levar a perspectiva de pessoas que estão envolvidas no questionamento dessas violências.

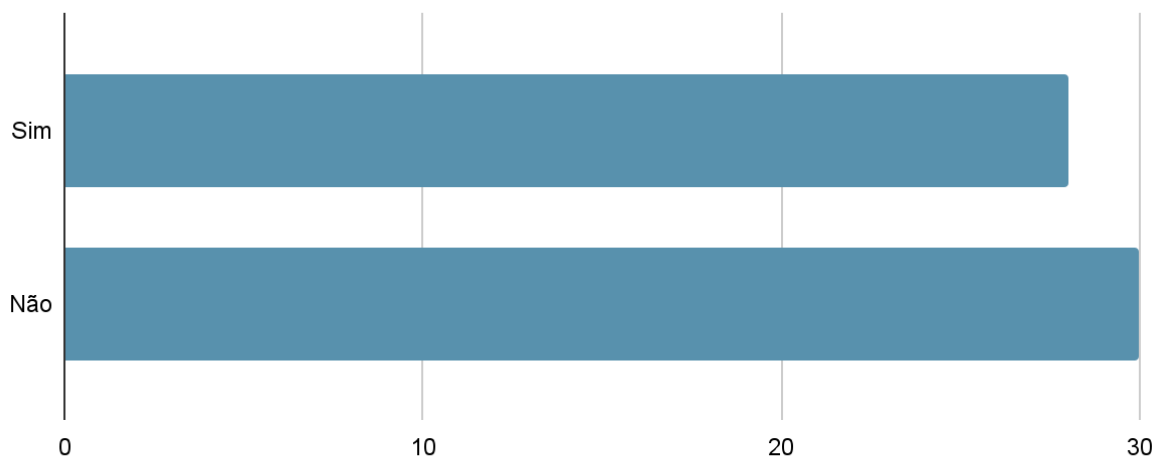
Enquadramento do crime

O enquadramento dos crimes é importante para se pensar nessa análise. Em março de 2015, a Lei do Feminicídio foi sancionada no Brasil; a partir disso, o feminicídio passou a ser uma circunstância qualificadora do crime de homicídio praticado contra as mulheres em razão do gênero e também um crime hediondo, alterando o Código Penal e a Lei dos Crimes Hediondos. Nos casos levantados em que as mulheres são mortas especificamente pela sua

condição de gênero, foi possível perceber que nem sempre as matérias qualificam esses crimes como feminicídio; de todas elas, apenas 28 nomeiam o feminicídio ao longo do texto, como pode ser visto no gráfico a seguir:

Gráfico 2 - Qualificação de feminicídio nas matérias

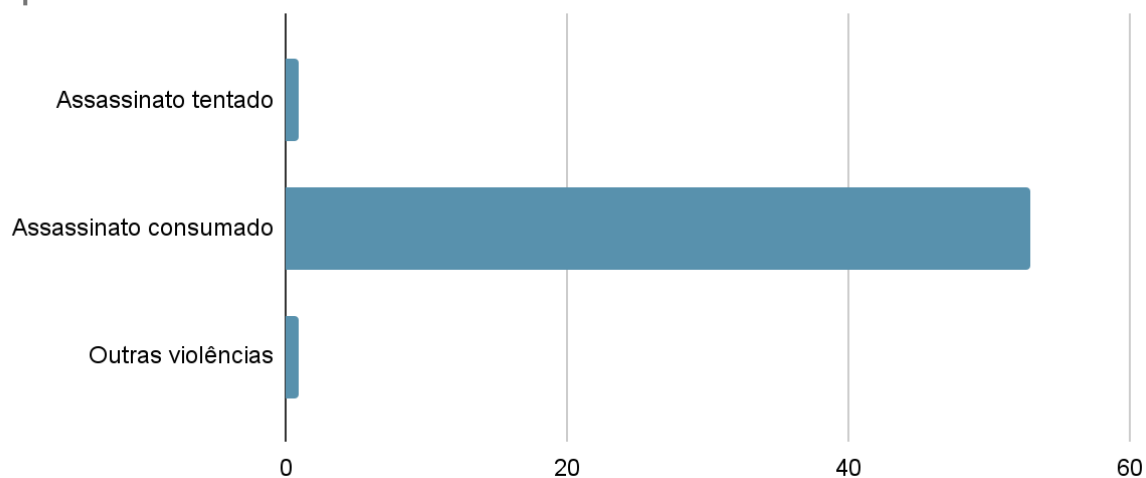
Feminicídio é citado na matéria?



Identificamos, também, quantos desses crimes se tratam dos feminicídios tentados e consumados:

Gráfico 3 - Tipos de crimes

Tipos de crimes



De acordo com isso, podemos compreender que, por mais que já exista uma qualificação jurídica para os crimes cometidos contra as mulheres em razão do gênero, ainda é muito comum que essa linguagem legal não seja utilizada nas matérias jornalísticas. Muitas vezes, os casos são tratados apenas como homicídio, e não há outros questionamentos em razão dessa estrutura de violências que seguem um padrão e se repetem em diversos locais e contextos.



MENU | **g1** RIO GRANDE DO SUL **rustu** Q BUSCAR

Por ciúme, mulher é morta pelo companheiro após receber mensagem no celular em Veranópolis, diz polícia

Crime aconteceu na madrugada deste sábado (22). Testemunhas contaram à polícia que o companheiro ficou agressivo após a mensagem. Vítima havia recebido da Justiça uma medida protetiva contra ele há cerca de um mês.

Por g1 RS
22/10/2022 12h34 · Atualizado há 8 meses

[f](#) [t](#) [w](#) [t](#) [in](#) <

Imagem 4 - Matéria “Por ciúme, mulher é morta pelo companheiro após receber mensagem no celular em Veranópolis, diz polícia”

A imagem acima foi retirada de uma matéria que narra um crime de feminicídio por todas as questões que estão envolvidas: um companheiro matando sua esposa por ciúmes. A vítima era uma mulher de 51 anos, que já tinha recebido até uma medida protetiva contra o criminoso. Mas essa é uma das matérias em que o conteúdo é raso e serve apenas para informar um ocorrido, sem nenhuma problematização. Logo, o feminicídio sequer é mencionado ao longo de todo o conteúdo.

Em alguns desses textos, em especial os que tratavam diretamente de feminicídio, foi possível encontrar algumas matérias que levavam um panorama da violência de gênero no Brasil. Algumas apresentavam no fim da matéria web stories sobre violência doméstica, outras apresentavam alertas sobre o número de violência contra as mulheres e também em uma encontramos um parágrafo que contextualizava o crime de feminicídio. Nessas situações é perceptível que os crimes não são tratados como casos isolados e há um apontamento de que essas violências são resultantes de uma questão sistêmica. Ou seja, nesse ponto, o jornalismo

fortalece a ideia de que o feminicídio é um problema estrutural da sociedade e não um desvio de caráter individual dos agressores.

No caso de Francislaine, o feminicídio é citado como um qualificador do crime e, no fim da matéria, são apresentados cinco vídeos de uma promotora falando sobre as características do feminicídio. Os títulos dos vídeos são: 'Morreu em casa, nas mãos do companheiro, na presença de filho', diz promotora sobre primeiro caso de feminicídio em Curitiba pós-lei; 'Feminicídio tem raízes antropológicas', afirma promotora sobre o argumento de defesa da honra em julgamentos de feminicídios; Promotora de Justiça explica o perfil cultural de um feminicida; Resolução de 2020 do Tribunal de Justiça do Paraná encarrega ao Tribunal do Júri casos de tentativas de feminicídios; entenda o que mudou; e 'Se acham legitimados a fazer aquilo', diz promotora sobre feminicidas e o processo de ressocialização dos condenados. A vinculação desse conteúdo na matéria foi um dos maiores exemplos de contextualização e problematização das questões que envolvem o feminicídio.

Veja a notícia a seguir:

MENU | g1 | PARANÁ RPC | BUSCAR

Quem era Francislaine Santos, mulher assassinada pelo ex-namorado com golpe de estilete no Paraná

Francislaine de Camargo Santos tinha 33 anos e estava em uma festa com mãe e amiga quando suspeito a acertou no pescoço com um estilete. Ela morreu no local.

Por g1 PR — Curitiba
11/09/2022 16h50 · Atualizado há 9 meses

Facebook Twitter WhatsApp Telegram LinkedIn

Imagem 5 - Título da matéria: Caso Francislaine Santos

Promotora fala sobre características de casos de feminicídio



Imagem 6 - Promotora fala sobre características de casos de feminicídio - Caso Francislaine Santos

Ainda assim, por mais que haja conteúdos em que essas informações são trazidas, o número de matérias que abordaram esses pontos é muito pequeno em relação à gravidade e a necessidade de um maior aprofundamento e análises mais críticas nessas situações. No geral, não existem problematizações mais profundas em nenhuma dessas matérias, que levem em consideração questões que permeiam a individualidade das vítimas.

Articulação das emoções

Entre os dois eixos de análise, neste em que analisamos os casos de feminicídio, foi possível encontrar mais emoções articuladas nos textos, embora ainda não sejam apresentadas de forma explícita e nem marquem um critério importante de questionamento para o acontecimento dessas violências. Acredito que isso possa acontecer em razão do tom factual dessas matérias, em que, pela própria estrutura, não exista um espaço maior para o aprofundamento nesses casos. Então levamos em consideração também outras formas em que elas poderiam estar articuladas nas narrativas, além do que está explicitado verbalmente.

Para as análises, buscamos entender como se dá a articulação de algumas emoções específicas: ódio, amor, ciúmes e raiva. A emoção que mais aparece em todas elas é o ciúme, sempre apresentado como a emoção que motiva o ato, compreendo que em nenhuma das matérias essa emoção foi apresentada no texto em algum tom de questionamento, mas sim como uma emoção que estivesse mais inerente à ação.

Como exemplo disso, temos o caso de José Greison da Silva. Na matéria, ele afirma que o crime aconteceu por motivação de ciúmes; o trecho que exemplifica isso é: “Após ser preso, José Greison confessou ter sufocado a companheira com um travesseiro, após uma discussão em razão de ciúmes. Ele disse que ao perceber que Roberta estava morta, resolveu queimar seu corpo, colocando os restos mortais em um saco na lixeira”.



MENU | g1 RIO DE JANEIRO BUSCAR

Polícia prende suspeito de feminicídio e de ocultar o corpo da companheira na Baixada Fluminense

José Greison da Silva foi preso na quinta-feira (6), quando policiais civis cumpriram um mandado de prisão contra ele pela morte de Roberta Lanusia Santos Ribeiro, que estava desaparecida desde janeiro desse ano.

Por Guilherme Santos, TV Globo
07/10/2022 21h18 · Atualizado há 8 meses

Facebook Twitter WhatsApp Telegram LinkedIn



Imagem 7 - Título da matéria: “Polícia prende suspeito de feminicídio e de ocultar o corpo da companheira na Baixada Fluminense”

Além dessa, outras emoções que foram articuladas nessas matérias foram: fúria, vingança e raiva. Em um desses casos, a fúria foi identificada como uma reação aos ciúmes do criminoso pela vítima:

“Segundo a amiga, que pediu para não ser identificada, Letícia e Flávio sempre tiveram um relacionamento conturbado, com brigas. Os dois se relacionaram por seis anos e estavam há dois meses separados.

De acordo com ela, Letícia estava começando a conhecer uma outra pessoa e isso pode ter despertado a fúria de Flávio. O casal tinha dois filhos, de 3 e 5 anos, e Letícia ainda tinha um menino de 10 anos, fruto de um relacionamento anterior.”

Em outro caso analisado, a vingança marcou o crime, acompanhada por um ciúme articulado, mas não explicitado em todo o texto:

Conforme a denúncia, o feminicídio foi cometido por “vingança” devido ao término do namoro com a vítima. Segundo o promotor, Carlos agiu de “forma cruel e covarde, revelando extrema perversidade, ao agredir a vítima com diversos disparos

de armas de fogo, descarregando uma pistola semiautomática em área urbana de intensa movimentação de pessoas, em plena luz do dia, no horário comercial de um dia útil”.

Em outros dois casos, a raiva foi um marcador de emoção para essas violências, como o crime cometido por Maique Alves Mariano, em Minas Gerais:

“A motivação seria o ciúme do homem por conta da vítima ter dito que teve relacionamentos com outros homens e, segundo o suspeito, em um acesso de raiva, cometeu o crime”, disse o delegado responsável pelas investigações, Adnan Cassiano Grava.

Em outros dois casos foi possível perceber que o termo “crime passionai”, também conhecido como “crime de paixão”, é mencionado. Sendo assim, partem de uma perspectiva de que seriam crimes norteados por uma emoção.

Em uma dessas matérias, o crime de ódio já está destacado no próprio título da notícia e, além do crime passionai estar em foco, a raiva também é colocada como uma emoção motivadora do crime.

“Tinha sinais de violência física, foi espancada. A causa da morte aguarda o laudo necroscópico, mas é possível presumir que foi um instrumento perfuro cortante, ela tinha duas lesões [provavelmente de] faca. Ela foi agredida sim e quem a matou estava com um sentimento de muita raiva. Agredida com muita violência antes da morte”, detalhou o delegado.

Polícia acredita em crime de ódio e tem três suspeitos no caso de jovem grávida encontrada morta em mala em Mogi

Delegado seccional Paul Henry detalhou em coletiva que corpo tinha sinais de espancamento e perfurações na região do pescoço. Vítima teve três relacionamentos recentemente, que são investigados.

Por g1 Mogi das Cruzes e Suzano

22/06/2022 12h35 · Atualizado há um ano



Imagem 8 - Título da matéria - Caso Cíntia Silva dos Santos

A Polícia Civil trabalha com a hipótese de crime passional na investigação do assassinato de uma jovem grávida de 22 anos. O corpo de Cíntia Silva dos Santos **foi encontrado na tarde de terça-feira (21) dentro de uma mala, em uma área de mata em Mogi das Cruzes.**

A vítima, que tinha perfurações na região do pescoço e sinais de espancamento, teve três relacionamentos recentemente e estava desaparecida desde o fim de semana. Quando saiu de casa, ela avisou a família que visitaria o ex-namorado, que estava em período de "saidinha" de um presídio em Sorocaba.

Durante uma coletiva na manhã desta quarta-feira (22), o delegado seccional Paul Henry Verduraz informou que são suspeitos ainda o atual namorado, que também era ex-padrasto de Cíntia, e o pai da criança que a vítima esperava.

Imagem 9 - Caso Cíntia Silva dos Santos

Sendo assim, o crime parece ser justificado como apenas um “acesso de raiva”, que partiu de um sentimento de paixão. Apesar de não haver ainda um fechamento do caso, são apontados três suspeitos para esse crime: o ex-namorado da vítima, o pai da criança que a vítima esperava e o atual namorado, que também é ex-padrasto dela. A hipótese de um crime passional parte de uma perspectiva de que a pessoa que comete esse crime não está em plenas condições de ter um pensamento racional ou lúcido, mas a realidade é que esses homicídios não partem de um simples impulso, muito pelo contrário, partem de uma lógica muito bem planejada. A raiva, citada no texto como essa possível “justificativa”, nada mais é do que uma das formas de expressão do ódio do criminoso contra a vítima.

A segunda matéria que trata de um crime passional é intitulada como “Relacionamento tóxico, possessivo e abusivo, irmã de mulher assassinada pelo namorado policial descreve a relação”. Esse caso se trata de um crime cometido por Paulo Dalla, ex-tenente da Polícia Militar. A irmã da vítima foi colocada como uma das principais fontes; o conteúdo traz muitas falas dela, que estava angustiada desde o início da repercussão da notícia, pois a vítima foi culpabilizada até a conclusão do inquérito. Ela leva detalhes de como era a relação entre o criminoso e a vítima, afirmando que era perceptível a relação possessiva que o homem tinha com ela.

O último trecho da matéria afirma: “A Polícia Civil também disse que a motivação para o crime foi passional e que ambos haviam ingerido bebida alcoólica”. As investigações não entraram no mérito de fatos passados ou de contexto, por não haver chance de pena e "culpabilidade" no caso.

Dessa forma, fica evidenciado que a única conclusão do crime é de que foi passional, segundo a Polícia Civil, sem que fosse questionado nada além disso, e as investigações pararam por ali.

Talvez um desses muitos problemas que estruturam essa cadeia de violências, seja o desinteresse em se questionar. Não digo apenas pelo meio jornalístico, mas também o sistema policial, que não apenas lida de forma mais direta com todas essas problemáticas no dia a dia, mas também molda a forma como os crimes chegam para fora dessa esfera.

Edição

Também foi levado em consideração para a análise como são feitas as edições dessas matérias, em relação às fotos das vítimas e dos criminosos. Percebemos que a maioria delas apresenta fotos da vítima, enquanto as fotos dos agressores aparecem em menor escala, mas, quando aparecem, costumam ter maior destaque.

No caso a seguir, foram colocadas três fotos diferentes da vítima. Ao longo do texto foram inseridas algumas informações sobre a vida pessoal da vítima, como forma de trazê-la em foco; é discorrido sobre a história dela, seus interesses, e é adicionada uma fala do irmão nas redes sociais.

Entretanto, embora já tenha um suspeito identificado, não há nenhuma informação sobre ele na matéria toda. Como exemplo, podemos ver na imagem:

Mulher morta a facadas na porta de casa em Arapiraca era cabeleireira e natural do RN

Thalita Borges de Araújo, de 27 anos, foi assassinada na sexta-feira (3). Criminoso estava com ela dentro de casa, segundo a polícia.

Por Vivi Leão, g1 AL

06/02/2023 18h49 · Atualizado há 4 meses



Imagem 10 - Caso Thalita Borges

Outro caso analisado traz uma perspectiva diferente; dessa vez, temos uma foto da vítima no texto, no vídeo das câmeras de segurança do local do crime, que está incorporado ao texto, e também em outro vídeo incorporado, que se tratava da notícia veiculada em um jornal televisivo:

Namorado de mulher assassinada em apartamento no Recife é indiciado por feminicídio e mais três crimes

Delegado afirma que homem andava armado dentro de casa e mentia para a vítima, tendo praticado violência psicológica. Renata Alves foi assassinada no dia 6 de agosto.

Por Priscilla Aguiar e Nathália Dielú, g1 PE e TV Globo

25/08/2022 11h57 · Atualizado há 10 meses



Imagem 11 - Título da matéria: “Namorado de mulher assassinada em apartamento no Recife é indiciado por feminicídio e mais três crimes”

Essa mesma matéria identifica o criminoso com o nome, histórico criminal, foto e vídeo. A Polícia Civil se recusou a divulgar o nome do indiciado, mas a família da vítima o identificou. A matéria apresenta muitos pontos importantes para essa construção de narrativa jornalística, por buscar informações para além das fontes oficiais, identificar o criminoso, trazer o histórico e também incluir na matéria um webstory que alerta para as questões de violência de gênero.



Imagem 12 - Identificação do criminoso

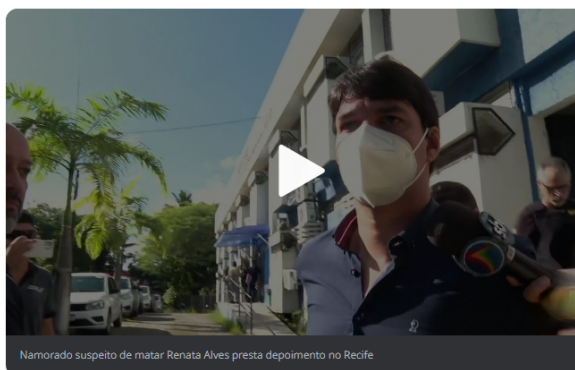


Imagem 13 - Identificação do criminoso

Outro exemplo de como o suspeito é identificado na matéria é o caso Mariana Thomaz, em que o nome e a foto já constava no início:

Caso Mariana Thomaz: acusado vai a júri popular por feminicídio e estupro, em João Pessoa

Johannes Dudeck está preso desde o dia do crime, ocorrido no dia 12 de março, na capital paraibana. Data do júri popular ainda não foi divulgada.

Por g1 PB

31/05/2022 17h01 · Atualizado há um ano



Imagem 14 - Caso Mariana Thomaz

Esse caso teve uma grande repercussão, que resultou também no sancionamento da 'Lei Mariana Thomaz', cujo objetivo é facilitar o acesso aos antecedentes criminais de terceiros no estado da Paraíba.

De acordo com o material de análise, quando não eram apresentadas fotos do agressor, – se identificados – as informações contidas sobre eles costumam ser o nome, a idade e a profissão. De forma geral, percebemos que existe maior abertura para que esses conteúdos tenham mais informações da vítima, sem algum tom problematizador, enquanto em alguns casos o criminoso não era identificado.

Detalhes da notícia

Entre os eixos de análise, neste também encontramos as notícias mais detalhadas e foi possível perceber que em alguns casos havia mais desdobramentos das matérias, com novas informações e conclusões dos crimes. Nessas notícias mais aprofundadas, detalhadas e que apresentavam mais de uma matéria com sequências que se tratavam do mesmo crime, percebemos que a maioria das vítimas eram mulheres brancas, como pode ser visto nos exemplos anteriores, correspondendo a um mesmo padrão. Por outro lado, as matérias sobre os feminicídios de mulheres negras apareciam com menos detalhes e de forma mais generalista.

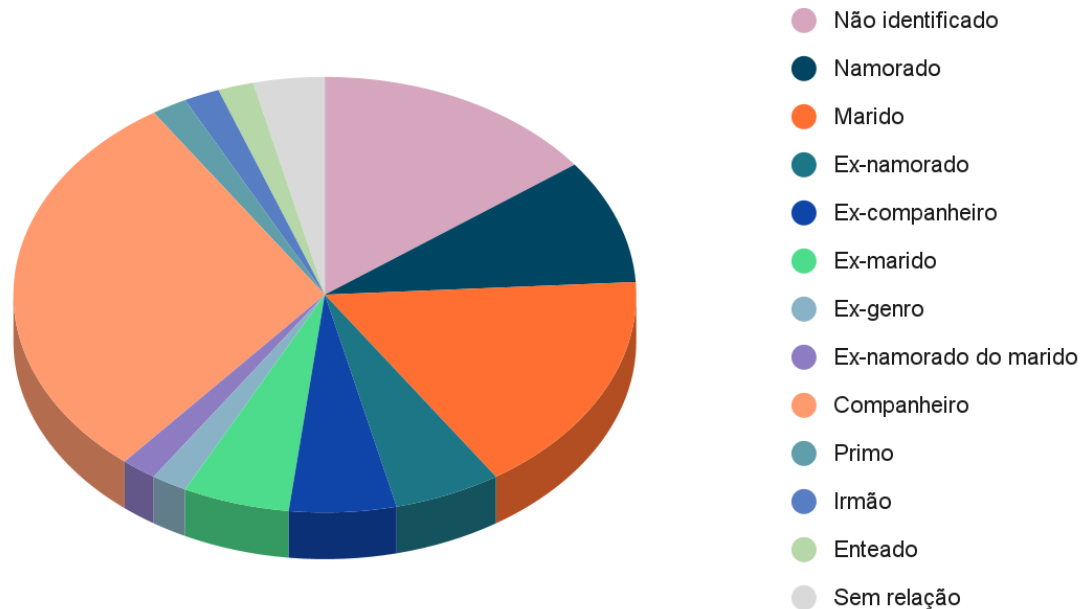
Agressor

De todas as 58 matérias em análise, temos três casos em que não é identificado nenhum suspeito de cometer o crime e não há continuidade do caso em outras notícias. Em outras duas matérias, apesar de não haver a identificação do criminoso, são levantadas algumas suspeitas para investigação.

É muito comum que esses crimes sejam cometidos por pessoas que já fazem parte do círculo social da vítima, e com as análises, esse ponto se confirma. Trouxe, no gráfico a seguir, a relação entre vítima/criminoso:

Gráfico 4 - Relação entre vítima e criminoso

Relação da vítimas com criminosos



De acordo com isso, os companheiros e maridos são suspeitos desse tipo de crime e, se pensado em todo o contexto social que estamos inseridos e todas as questões abordadas nesse trabalho, isso representa uma clara forma de controle de um regime patriarcal em que as mulheres são tratadas como posse.

Como abordado anteriormente, quando os suspeitos são identificados, costuma conter, nas matérias, pelo menos o nome. Informações como idade, profissão e fotos aparecem em menor escala. A depender da matéria, quando há um histórico criminal, ele é levado de forma menos aprofundada.

Vítima

Ao decorrer da análise, percebemos que essas vítimas são múltiplas; são diferentes mulheres, vivendo em diversos contextos e que acabam sendo vítimas de um mesmo crime. A estrutura misógina atinge mulheres de qualquer lugar, classe, idade ou posição social. A principal diferença notada é que há um tratamento diferente da mídia – e talvez até mesmo da polícia – quando se trata do interesse de investigar e reportar os casos de acordo com o perfil dessas vítimas.

É perceptível que mulheres com determinadas profissões, ou estudantes de áreas com um maior prestígio social, têm suas matérias mais bem cuidadas, munidas de mais informações, com mais fontes, com fotografias e, às vezes, até vídeos de jornais televisivos. Em sua grande maioria, essas mulheres eram brancas. Embora a questão da raça não seja levantada em nenhuma das matérias analisadas, observar isso fora desse filtro nos traz a percepção de muitos padrões que se repetem.

As mulheres que não estão incluídas em nenhum desses pontos costumavam ter as matérias sobre os seus crimes de maneira mais rasa, tratados como só mais um. Em mais da metade das matérias analisadas, não foi possível trazer a raça dessas vítimas como um elemento da análise, mas, partindo de um olhar mais externo, a maioria das matérias coletadas se tratavam de feminicídios de mulheres brancas.

Atribuição de culpa

Dentre as matérias analisadas, a atribuição de culpa às vítimas não foi um fator tão evidente, mas ainda assim foi possível perceber algumas nuances. Um dos casos que mais se aproximou disso foi o crime cometido pelo ex-tenente da polícia, Paulo Dalla, citado anteriormente. Na matéria, a irmã da vítima aponta que ela foi culpabilizada nas notícias até o fechamento do inquérito:



Talita contou ainda que acompanhou todos os trâmites no Instituto Médico Legal (IML) e que está aliviada com o resultado do inquérito.

"Agora estou em paz, porque foi noticiado como se ela fosse a culpada desde o início, e eu sabia que não era. Ficar esse tempo todo calada foi bem difícil. Ela não é um número, ela era a Deborah", completou.



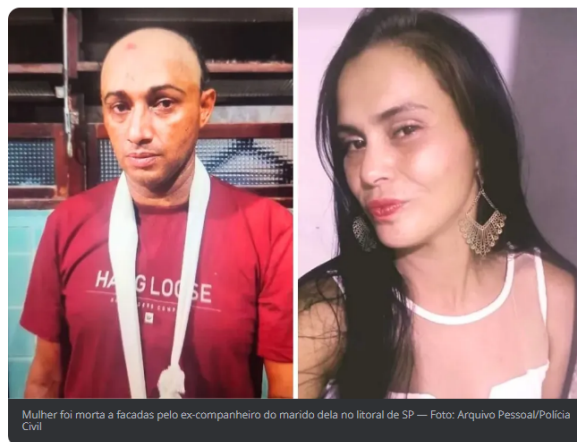
Imagem 15 - Caso Paulo Dalla

Em outra situação que isso também fica perceptível na matéria é no caso de Eguinaldo, que matou a esposa do primo dele. Na notícia, o assassino busca formas de justificar o crime e aponta que a vítima estava irritada por outras situações. A notícia pode ser vista a seguir:

Mulher morta pelo ex-namorado do marido discutiu com o assassino por ciúmes antes do crime

Crime aconteceu em Itanhaém, no litoral de São Paulo. Eguinaldo Carliito Carlos deu ao menos 20 facadas em Alessandra Rodrigues Leite. Ele é o ex-companheiro e tio do atual marido dela.

Por g1 Santos
24/03/2023 05h20 · Atualizado há 3 meses



Mulher foi morta a facadas pelo ex-companheiro do marido dela no litoral de SP — Foto: Arquivo Pessoal/Polícia Civil

Após confessar o crime à polícia, Eguinaldo contou o motivo da discussão que teria levado ao assassinato. Segundo ele, Alessandra estava irritada com a atitude dele de pagar para um advogado defender o marido dela - o próprio sobrinho do criminoso. O 'pivô do crime', que não teve o nome divulgado, está preso desde o começo do ano suspeito de furto no município.

Os problemas entre Alessandra e Eguinaldo são antigos. O g1 apurou que, no ano passado, após o término do relacionamento homoafetivo entre os homens, o autor das facadas agrediu fisicamente a mulher. Na ocasião, ele quebrou os dois braços da vítima, além de dar uma pancada na cabeça dela.

Imagem 16 - Caso Eguinaldo

O mais próximo dessa atribuição de culpa à vítima que foi possível perceber em outras matérias é o fato de que muitas vezes essa culpabilização vinha de fora, mais disfarçada. Como exemplo disso, dizer que o criminoso matou a mulher por algum motivo que vem relacionado aos ciúmes, por exemplo; sem a problematização do ato em si.

Geralmente, a culpa era atribuída às pessoas que cometeram o crime. Em nenhuma delas há a culpabilização da sociedade ou sistema, de forma geral.

3.2 Transfeminicídio

Neste eixo de análise, pensaremos nas singularidades do feminicídio quando é praticado contra mulheres transexuais e travestis: o transfeminicídio. Esse termo deriva do conceito de feminicídio. Portanto, o transfeminicídio ainda enfrenta muitos desafios no meio jurídico para poder ser reconhecido dessa forma. Isso pode acontecer por diversos fatores, como a dificuldade de serem levantados dados oficiais sobre esse tipo de violência e, conseqüentemente, a subnotificação dos casos; outro ponto é a transfobia, que muitas vezes atua como ferramenta de invisibilização.

A particularidade desses crimes é que, além da condição do gênero, nesses casos, as motivações para os crimes de ódio podem partir também da transfobia, a aversão contra as pessoas que não se identificam com o gênero atribuído a elas no nascimento. Sendo assim, podemos compreender o crime como um feminicídio transfóbico, que é resultado do ódio à performance do feminino e aos corpos que não correspondem a um padrão de cisnormatividade.

Para essa análise, não podemos trazer a mesma lente do feminicídio contra mulheres cisgêneras, ao passo que, nessas situações, as violências costumam partir de um enquadramento doméstico, patriarcal, que marca as diferenças; grande parte dessas violências ocorrem como forma de exercer uma hierarquia de poder e controle do homem sobre a mulher, ou seja, trata de uma crença de posse.

Portanto, essa ordem não deve ser aplicada aos casos de morte de mulheres trans e travestis, ao passo que a violência contra esses corpos parte de lugares diferentes. Nessa circunstância, os crimes não acontecem em contexto doméstico em grande escala, logo, essa lógica da posse não é empregada. Outro ponto – confirmado a partir desta análise – é que, nessas situações em específico, os criminosos não costumam ter nenhuma relação com a vítima.

Entretanto, por mais que existam diferenças nas formas como essas violências são destinadas para cisgêneras e transgêneras, as duas atuam como forma de controle e refletem uma aversão ao feminino.

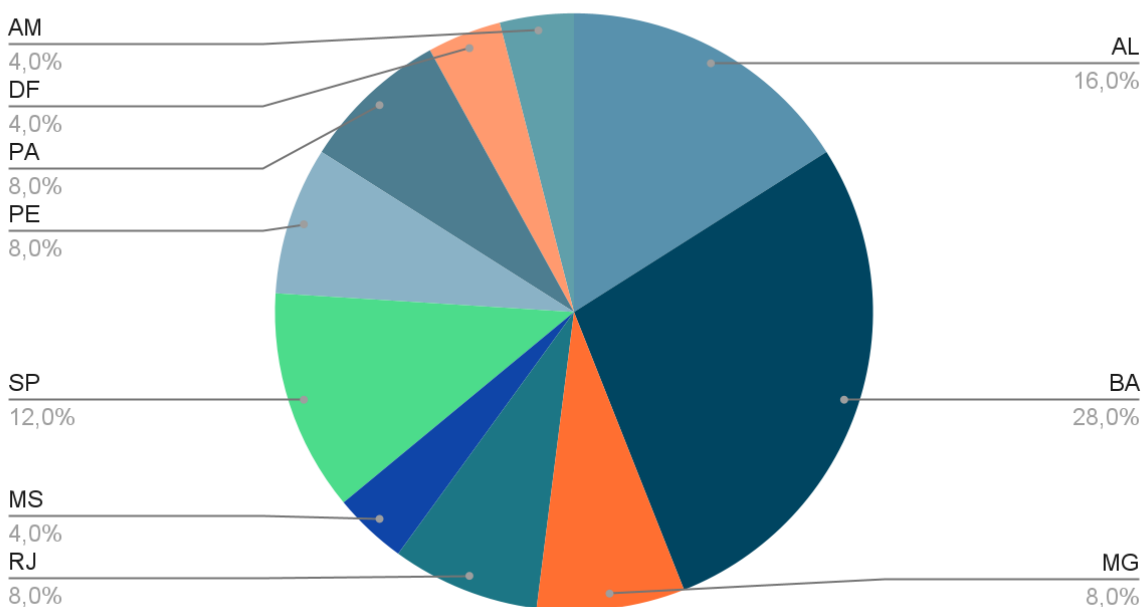
Dentro da diversidade LGBTQIA+, as pessoas trans representam a categoria mais vulnerável a mortes violentas, e o Brasil segue sendo o país que mais mata pessoas transexuais no mundo. Segundo o Relatório de Mortes Violentas de LGBTQ+ no Brasil, do Grupo Gay da Bahia, publicado em 2019. Mulheres transexuais e travestis são vítimas de altos índices de violência ao longo de toda a história, que são reforçados pelo ódio a esses corpos. O transfeminicídio também é um crime de ódio, que tem como objetivo final o extermínio do objeto odiado.

De acordo com o Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022, os estados brasileiros que lideraram o ranking de assassinatos de pessoas trans foram: Pernambuco, São Paulo e Ceará, respectivamente. Em uma escala maior de tempo, entre 2017 e 2022, São Paulo é o estado com maior número de assassinatos de pessoas trans.

A partir das matérias analisadas por estado, temos a Bahia com o maior número de assassinatos em análise, seguido por Alagoas e São Paulo:

Gráfico 5 - Matérias de transfeminicídio por estado

Matérias por estado - Transfeminicídio



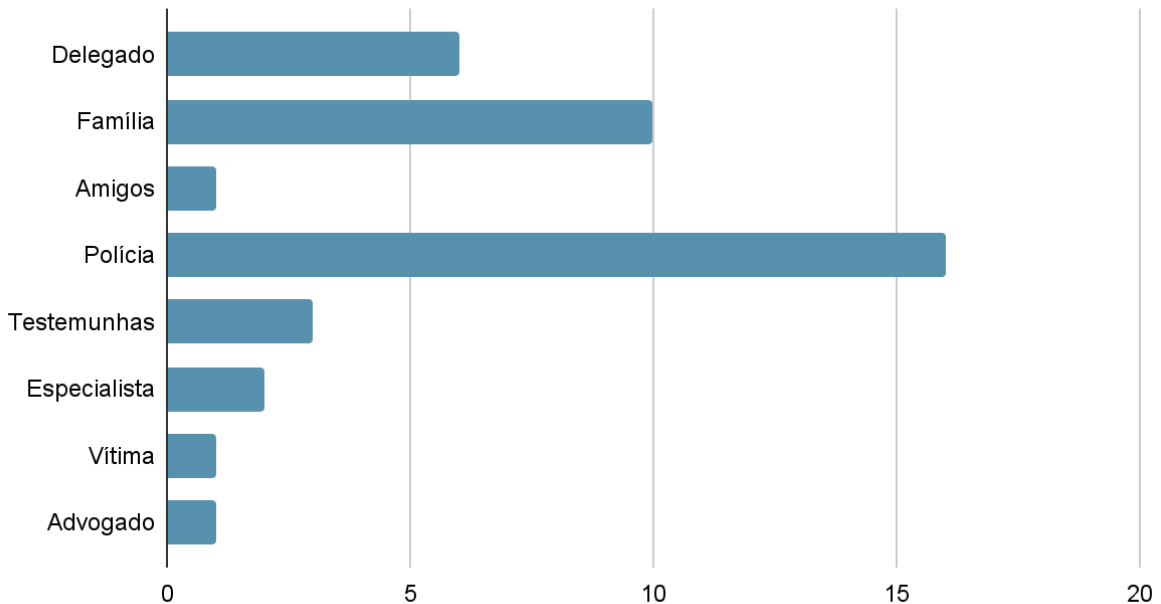
Para a análise nesse segundo eixo, usarei as mesmas categorias utilizadas para compreender um pouco mais sobre o feminicídio. Em uma primeira análise, mais generalista, é possível perceber algumas diferenças entre este eixo e o anterior. O primeiro ponto é que as matérias que tratam de homicídios contra mulheres trans e travestis aparecem em uma escala muito menor nas buscas; em algumas das palavras-chave propostas para a busca de material, sequer foram achados conteúdos, como é o exemplo da própria palavra "transfeminicídio": nenhum resultado da busca se refere ao termo. Outro caso é quando buscamos por "mulher trans morta pelo companheiro" e por "mulher trans morta pelo ex", em cada uma dessas pesquisas, apenas um resultado se refere ao crime de transfeminicídio, os outros resultados eram de casos de feminicídios contra mulheres cis. Esses e outros pontos serão mais detalhados na análise a seguir.

Fontes e atores

Para a análise desse eixo, também foram quantificadas as fontes que aparecem nas matérias. Nos casos de transfeminicídio, os tentados e consumados, as principais fontes procuradas nas matérias também são as equipes policiais, incluindo a Polícia Militar e a Polícia Civil, presentes em 16 das 25 matérias analisadas. O que nos leva a interpretar o mesmo ponto do eixo anterior, a polícia é uma fonte primária, e na maioria dos casos, a única. Percebemos aqui o mesmo padrão de matérias curtas e pouco aprofundadas, logo, não trazendo muitas variedades de fontes. A questão das matérias serem apresentadas com esse tom exclusivamente informativo, sem aprofundamento nas problematizações, é um ponto que deve ser levado em consideração para essa análise também. Temos aqui a relação de fontes por matéria analisada:

Gráfico 6 - Fontes em matéria sobre transfeminicídio

Fontes das matérias



Nesse eixo de análise percebemos que há uma alta incidência de familiares como fonte. Assim como nos casos analisados no outro eixo, o papel dessas pessoas nas matérias costumam ter como objetivo transmitir dignidade à vítima do crime, mas também pode se tornar uma ferramenta de sensacionalismo.

Como exemplo disso, temos o caso de Lorena Fox, mulher trans que foi brutalmente agredida até a morte. A irmã da vítima pediu por justiça nas redes sociais, e o texto da matéria apresenta uma fala dela:



No início de março, **a irmã de Lorena Fox, Thaynara Sabath, pediu justiça e ajuda de pessoas que pudessem ter informações sobre o crime**. Emocionada, ela disse que perdeu a parte mais importante da própria vida.

"Minha irmã era uma pessoa muito boa, de um coração muito bom, não merecia ter um fim tão trágico quanto este. Não merecia ter sido assassinada. Ela foi tirada de mim, tiraram tudo o que eu tinha. Minha irmã era tudo o que eu tinha na minha vida", contou.

Lorena estava desaparecida desde o dia 23 de fevereiro, quando entrou em um carro com dois homens, na esquina da antiga rodoviária da cidade. Depois disso ela sumiu e a família iniciou buscas para encontrá-la.

A vítima só foi achada na quarta-feira (1º), já sem vida em um matagal, por funcionários de uma empresa que faziam roçagem no local. Segundo a Polícia Civil, o corpo de Lorena já estava em estado de decomposição.

Imagem 17 - Caso Lorena Fox

Outro caso em que um membro da família é entrevistado, é o de Joyce Kelly, a prima da vítima informa alguns detalhes sobre as últimas informações que tiveram dela:

Juliana Maria contou que Joyce saiu de casa na terça (7) dizendo que iria checar se havia sido aprovada no requerimento do Bolsa Família, programa social do Governo Federal, e não foi mais vista com vida.

"Ela mora com a mãe, disse que iria ver se passou no Bolsa [Família]. Minha tia até tentou insistir para elas irem juntas, mas não adiantou. Todo mundo ficou preocupado porque ela saiu de casa para ver isso, mas não levou os documentos, não levou o celular", disse a prima da vítima ao g1.

Imagem 18 - Caso Joyce Kelly

Os delegados aparecem em seis dessas matérias, um ponto que se repete é que a maioria deles também são homens, sendo destes, apenas uma mulher. Em proporção, aqui encontramos mais matérias em que houve a busca por especialistas do assunto, uma delas trata-se do caso de Deysianne França, em que o coordenador do Centro de Promoção e Defesa dos Direitos LGBTQIA+ do Estado da Bahia (CPDD) leva algumas ponderações:

Acolhimento em centro LGBTQIA+

Deysianne França era uma mulher jovem e cheia de sonhos, conforme contou Renildo Barbosa, coordenador do Centro de Promoção e Defesa dos Direitos LGBTQIA+ do Estado da Bahia (CPDD), onde ela era acolhida.

"Ela não era rifeira como foi veiculado em algumas reportagens, era uma mulher sonhadora querendo enfrentar as adversidades e dificuldades que a vida lhe deu por conta de ser trans. Era estudiosa, estava sempre feliz e motivada. Buscava nosso apoio e queria dar certo na vida", detalhou.

Renildo afirma que Deysianne havia relatado que era vítima de ameaças e agressões, no entanto, não soube informar se ela registrou boletim de ocorrência contra o agressor.

"Ela relatou as ameaças e agressões que sofria. Iamos acompanhá-la, por causa do processo de troca de nome, mas vamos pedir para a polícia investigar se já tinha algum BO registrado", assinalou

Imagem 19 - Caso Deysianne França

O outro caso é sobre o homicídio tentado contra Nycole da Silva Pinto, desta vez, é levada como fonte uma advogada especialista que atua como presidente da Comissão de Direitos Humanos e Cidadania da OAB Niterói, ela ressalta: “Não podemos deixar essa situação cair no esquecimento. Temos que buscar a justiça”. Essa matéria foi a mais abrangente no que se refere à busca por fontes, apesar de ainda ter uma delegada e uma advogada, uma dessas ainda é especialista no assunto, enquanto a vítima também é escutada e tem o seu ponto ressaltado em todo o texto. Os jornalistas ainda buscaram ouvir uma versão do criminoso, que se recusou a falar. Outro ponto que me chamou a atenção é que todas as fontes presentes nessa matéria, são mulheres, esse é um padrão que não pôde ser percebido em outros textos. Fugindo do convencional, a polícia também não foi colocada como uma fonte para buscar as informações da matéria.

Entre as 25 matérias analisadas, em algumas situações temos mais de uma matéria que trata do mesmo caso, mas em estágios diferentes. Em apenas uma delas não temos nenhuma fonte; e a principal fonte procurada segue sendo os policiais. É perceptível que a participação de testemunhas como fontes das matérias têm um papel interessante para a análise, por conta de a maioria desses crimes acontecerem fora de casa, muitas delas participam desse processo de investigação do crime.

O fato de não haver aprofundamentos mais amplos na maioria desses casos, que busquem por fontes qualificadas para tratar sobre as questões de gênero, sexualidade e violência, e questionar um sistema de opressões, faz com que a estrutura de violências não seja questionada, e com isso, o problema permaneça no mesmo lugar ao longo do tempo.

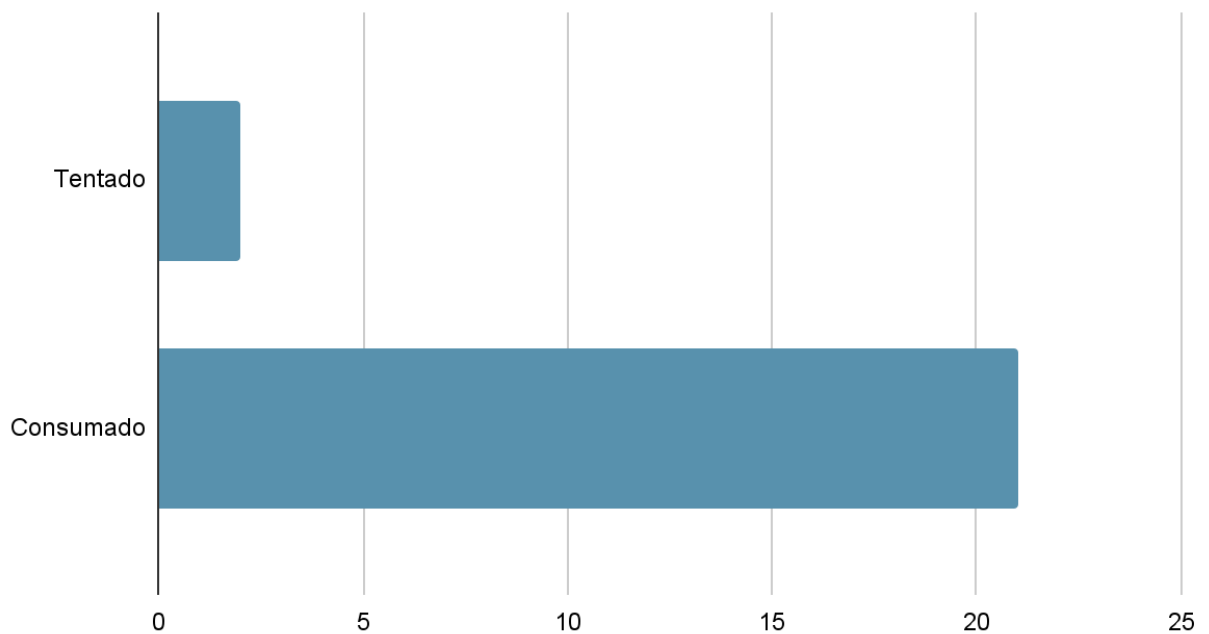
Enquadramento do crime

Em nenhum desses casos o termo transfeminicídio foi empregado, mas em três deles, houve a qualificação do crime como feminicídio. Um dos casos é o crime cometido por Juarez de Oliveira Souza contra sua companheira, na notícia, é relatado que ele fugiu do local do crime, mas foi encontrado pelos policiais e conduzido para a Delegacia de Atendimento à Mulher (Deam), onde registraram o crime como feminicídio. Outro caso que podemos trazer como exemplo é o de Isabella Yanka, que foi esfaqueada após uma festa. O suspeito confessou o crime e foi indiciado por feminicídio.

Identificamos também quantos desses crimes se tratam dos feminicídios tentados e consumados:

Gráfico 7 - Homicídio tentado X consumado

Tipos de crimes



Em um caso de tentativa de homicídio, a matéria que registrou o crime chamou a atenção pela abordagem. Primeiramente, temos o criminoso é identificado desde o início do texto, contendo fotos do momento da prisão:

MENU | **g1** RIO DE JANEIRO BUSCAR

Suspeito de tentativa de homicídio contra mulher trans em Niterói, é preso

Nycole da Silva Pinto, de 26 anos, ficou com a bala alojada entre a boca e o crânio; vítima afirma que se relacionou sexualmente com filho de autor dos disparos.

Por Guilherme Santos e Rafael Nascimento de Souza, TV Globo e g1 Rio
30/11/2022 17h26 - Atualizado há 7 meses

[f](#) [t](#) [w](#) [e](#) [l](#) [s](#)



Imagem 20 - Caso Nycole - título da matéria

Em seguida, a vítima é tida como principal fonte, e algumas das possíveis motivações são explicitadas no texto. Ao contrário de grande parte das matérias analisadas no todo, as imagens usadas aqui servem para elucidar o caso:

As investigações indicam que Nycole foi **vítima de tentativa de homicídio** por conta de sua orientação sexual e em decorrência de religião - a umbanda. Marciano foi apontado como o autor dos disparos - imagens de segurança registraram todo o ataque.



Imagem 21 - Caso Nycole

De forma geral, para esses casos que tratam de transfeminicídio, não foram colocados detalhes que aprofundam e abarcam o contexto social dos crimes contra pessoas trans no Brasil.

Articulação das emoções

Neste eixo de análise, foi perceptível que as emoções eram ainda menos articuladas nos textos do que no eixo anterior. Entretanto, foi possível perceber que os crimes de ódio, são mais facilmente referidos aos casos que envolvem a comunidade LGBTQIA+.

Em apenas dois desses casos é possível compreender que há uma articulação das emoções, mas em ambas, elas não aparecem de forma problematizadora. O primeiro trata-se de uma agressão, em que a vítima afirma ter sido vítima de um crime de ódio:

Mulher trans brutalmente agredida em Palmeira dos Índios, AL, diz à polícia que foi vítima de crime de ódio

Suspeitos já foram identificados e podem responder por tentativa de homicídio qualificado. Polícia faz buscas para prender os suspeitos.

Por Heliana Gonçalves, g1 AL

09/09/2022 09h56 · Atualizado há 9 meses

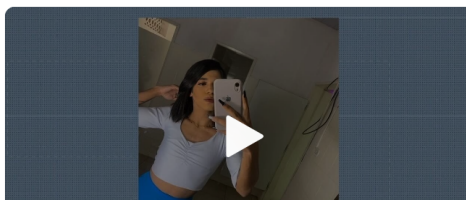


Imagem 22 - Título da matéria: “Mulher trans brutalmente agredida em Palmeira dos Índios, AL, diz à polícia que foi vítima de crime de ódio”

E um trecho da matéria diz:

A Polícia Civil ouviu nesta quinta-feira (8) a mulher trans que foi brutalmente agredida dentro de sua casa em Palmeira dos Índios, Agreste de Alagoas. Luana Vitor Tenório Lima relatou que foi vítima de crime de ódio e apontou dois suspeitos que ficavam "soltando piadinhas" sempre que passava na rua. Os dois indivíduos já foram identificados.

Segundo Diogo Martins, chefe de operações da 5ª Delegacia Regional de Palmeira dos Índios, a vítima disse que os dois suspeitos invadiram a casa dela enquanto dormia e começaram as agressões. Luana disse que eles só pararam de bater porque acharam que ela tinha morrido.

A forma como o crime foi relatado, e em seguida comprovado também, afirma que isso realmente foi um crime de ódio, mas esse ponto não é levantado na matéria além das falas da vítima para a polícia.

E a outra matéria em que encontramos emoções articuladas, é o caso de Karla Santos:

Morre mulher trans que teve corpo queimado na Bahia, diz família; ex-companheiro foi preso suspeito do crime

Caso ocorreu em Itabuna, no sul do estado, e a vítima havia sido transferida para Salvador.

Por g1 BA e TV Santa Cruz
01/04/2023 10h17 - Atualizado

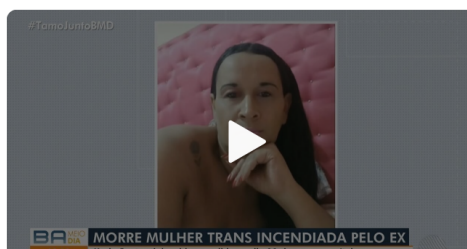


Imagem 23 - Caso Karla Santos

A emoção surge aqui em uma fala da mãe da vítima, em que o amor é contraposto a uma suposta doença daquele que comete o crime, partindo de uma visão patologizante da pessoa que comete o crime. Portanto, de acordo com tudo o que foi apontado anteriormente, isso, na verdade, não é uma representação do amor, e sim, do ódio, emoção que quando mobilizada, resultou em crime.

:

A mãe de Karla, Lucinéia Ferreira, contou que recebeu uma mensagem do suspeito nas redes sociais. Segundo ela, o homem disse que ficaria com a cabeleireira a qualquer custo.

"Ele mandou mensagem para mim dizendo: 'eu amo sua filha, quero ficar com ela e ninguém vai me impedir'. Isso não é amor, é doença. Quem ama não mata, não bate, não espanca", disse Lucinéia Ferreira.

Entre idas e vindas, a vítima e o suspeito estavam juntos há cerca de 20 anos. A mãe nunca foi a favor do relacionamento, que era marcado por agressões físicas e verbais. Certa vez, o suspeito chegou a esfaquear a mão de Karla e ela prestou queixa na delegacia, mas depois retirou.

Imagem 24 - Caso Karla Santos - Relato da família

Diferente das emoções articuladas nos crimes de feminicídio, que são comumente relacionadas aos ciúmes, raiva e paixão, quando se trata de transfeminicídios, a principal emoção que fica evidente nas matérias é o ódio.

Edição

Na edição dessas matérias, alguns detalhes também se aproximam dos resultados da análise do eixo anterior. Em relação às imagens usadas para ilustrar os casos, as fotos das vítimas apareciam em maior escala, enquanto poucas matérias incluíam as fotos dos homens. Percebi que a identificação do criminoso foi mais difícil em todos os aspectos, em muitas matérias essas pessoas não eram identificadas no texto, algumas vezes nem pela polícia. Foi comum perceber casos em que os agressores, apesar de identificados, não tinham nenhum dos seus dados pessoais publicados no texto.

Detalhes da notícia

A maioria das matérias sobre transfeminicídio não colocavam em evidência muitos detalhes dos casos, a maioria do que era encontrado, tratava-se do crime em si, de como ele aconteceu ou qual era a situação em que estavam envolvidos a vítima e o criminoso.

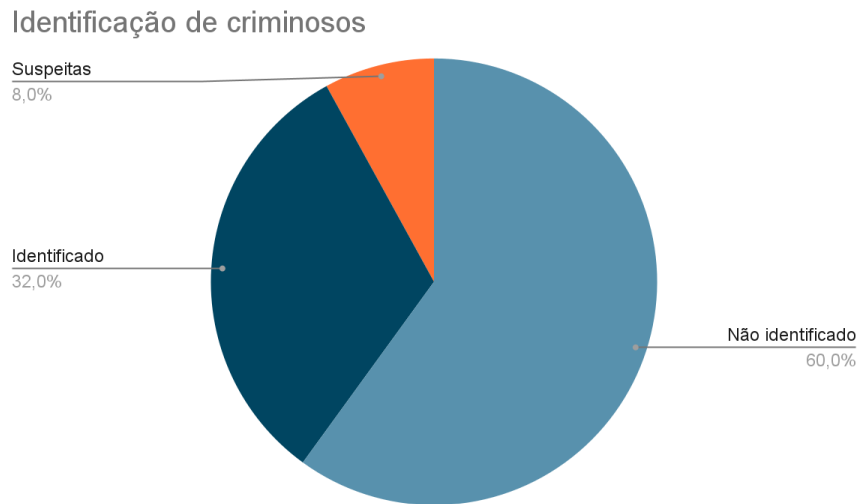
Assim como no eixo anterior, alguns casos apareciam com mais de uma matéria, levando a continuidade de alguns casos que estavam sob investigação, com seus desdobramentos e conclusões. Nesses casos em que havia uma continuação, é porque a investigação do caso estava em andamento. Percebi também, que nos dois casos em que isso aconteceu, havia um ponto em comum: as famílias das vítimas pediam por respostas.

Agressor

Foram 25 matérias analisadas neste eixo, e em mais da metade delas o criminoso não foi identificado. Em muitos desses casos, não tivemos matérias seguintes com a sequência das investigações, o que nos faz questionar se realmente houve uma investigação ou se o fato é que não há interesse, por parte dos veículos jornalísticos, em se debruçar tanto em apenas um caso que não tem tanta repercussão.

No quadro abaixo trouxe uma relação da identificação dos criminosos nas matérias em análise:

Gráfico 8 - Identificação dos criminosos



Contrapondo com a análise anterior, em que a maioria dos criminosos tinham uma ligação mais íntima com as vítimas, em 15 dos casos, não é identificada nenhuma relação entre os envolvidos. Entre os que são identificados temos três casos em que os criminosos são ex-companheiros das vítimas e um que era companheiro da vítima durante o acontecimento. Nessa grade de análise, foi percebido um enquadramento que não apareceu no eixo de análise anterior, que é a relação de trabalho entre a vítima e o criminoso. Muitas dessas vítimas trabalhavam com a prostituição, e seus clientes cometiam feminicídio.

Vítima

O Brasil não tem nenhum sistema oficial que monitora os dados de mortes violentas que se relacionam à transfobia, lesbofobia e homofobia. Portanto, as pesquisas feitas pela ONG Transgender Europe (TGEU) em 2022, apontam que 95% das pessoas trans assassinadas no mundo eram mulheres trans ou pessoas trans femininas; a maioria das vítimas assassinadas tinha entre 31 e 40 anos, dado que acompanha a baixa expectativa de vida de pessoas transexuais; metade delas eram profissionais do sexo; 68% de todos os assassinatos registrados aconteceram na América Latina e no Caribe; desses, 29% do total aconteceram no Brasil. Nessa análise podemos perceber que o perfil das vítimas dos crimes é bastante parecido, e por mais que em uma escala menor, correspondem a esses dados. Entre os casos levantados, a vítima mais jovem tinha 19 anos quando o homicídio aconteceu, e a mais velha

tinha 44 anos, essa informação aponta para a realidade da expectativa de vida de pessoas trans.

Devido à dificuldade de inserção no mercado de trabalho formal, decorrente da transfobia, e a falta de qualificação profissional que acontece por conta das diversas formas de exclusão social, as pessoas trans tendem a buscar por trabalhos informais. E consoante a análise, o ponto da ocupação profissional dessas vítimas também se confirma, quase metade delas eram garotas de programa, em menor escala tínhamos cabeleireiras. As profissões das outras não foram informadas.

Atribuição de culpa

Entre as matérias analisadas sobre transfeminicídio, a atribuição de culpa às vítimas não foi um fator tão evidente. Em alguns casos a culpa foi atribuída ao criminoso, mas ainda assim, não haviam pontos de aprofundamento nessas constatações, em muitas dessas situações esses criminosos não estavam identificados na matéria. Em nenhuma das matérias há atribuição de culpa a outros sujeitos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de compreender como as emoções são articuladas em matérias jornalísticas em que casos de crimes de ódio contras as mulheres são retratados, esta pesquisa foi desenvolvida usando como base analítica os conteúdos encontrados no portal de notícias do G1, durante o período de um ano. Por ser um veículo que abrange todas as regiões do Brasil, foi possível trazer um contexto mais amplo e abrangente de casos para a análise final.

O arcabouço teórico utilizado para o desenvolvimento deste trabalho, trouxe referências que envolvem os temas de feminismo; as emoções aplicadas aos processos comunicacionais; as questões de interseccionalidade ao que se refere a gênero, sexualidade e raça; o ódio, como emoção que norteia relações e os crimes cometidos; a misoginia, que se refere ao termo usado para definir especificamente o ódio contra as mulheres; os crimes de ódio, como expressão essencial das violências cometidos contra as mulheres; o feminicídio, estágio final desse sistema de opressões contra as mulheres; e por fim, a cobertura noticiosa do feminicídio, ponto essencial levado para a análise.

Trazer o conceito das emoções aplicado às relações comunicacionais foi essencial para se pensar nos crimes de ódio em uma perspectiva que não costuma ser abordada, tampouco pensada quando se trata de matérias jornalísticas. Esses conteúdos têm como função básica

informar, mas trazer as problematizações para esse prisma é essencial para a construção de sentidos e olhar crítico do público final.

Ao fim dessa análise, foi possível compreender que as emoções foram articuladas de formas diferentes nos dois eixos que trouxemos. Por mais que em todos os casos esses crimes partissem de um ponto comum, o ódio, a forma como as emoções foram postas, trouxe novas nuances para a interpretação. A ideia de ter essa análise em duas perspectivas diferentes, tem como função tratar de cada uma delas de acordo com suas devidas singularidades e importância.

Nos casos de feminicídios contra mulheres cisgêneras, as emoções apareciam como um elemento motivador dos crimes, entre eles tínhamos ciúmes, fúria e raiva, por exemplo. Por vezes, essas emoções partiam de alguma situação específica, tal como uma briga ou por um homem não aceitar o fim do relacionamento. Nessas situações, por mais que implícito, a motivação parte da misoginia, ou seja, do ódio. Levando em consideração os conceitos que partem do campo de estudo da comunicação e das emoções, e compreendendo que as emoções, quando articuladas, carregam uma mensagem. Portanto, por mais que o criminoso tenha uma única vítima fatal, qualquer mulher seria uma potencial vítima desses crimes.

Quando se trata dos crimes de transfeminicídio, de acordo com as matérias levantadas para essa análise, foi mais comum encontrar o termo de crime de ódio tratado de forma direta, mas, em contraponto, não foram colocadas as mesmas emoções que encontramos em casos de feminicídio. Acredito que esse indício, mais direcionado ao ódio, pode partir também de uma percepção da forma como o crime acontece. Nesses casos, fica mais perceptível que as violências acontecem com um maior requinte de crueldade, enquanto não são apresentadas motivações explícitas.

Portanto, enquanto o feminicídio acontece a partir de uma ameaça à hierarquia de poder em que o homem é colocado em uma posição superior, o transfeminicídio é atravessado por questões que envolvem também a identidade de gênero, que unidas à discriminação e ao preconceito, nutrem sistemas violentos motivados pelo ódio e pela intolerância.

Em todo este material não foi possível encontrar nenhuma problematização acerca da origem dessas emoções, e como elas são capazes de mover uma estrutura misógina. É como se todas elas estivessem despregadas de significados.

Ao decorrer deste trabalho sentimos a necessidade de trazer diferentes concepções do que é “ser mulher”, por entender que cada vivência vem acompanhada de particularidades, e que algo que é comum para um grupo, pode não ser para outro e vice-versa. Portanto, trazer diferentes perspectivas sobre os gêneros foi essencial. Essa análise tinha como objetivo

identificar também como essas violências decorrem nos casos em que a sexualidade é também um marcador do corpo-alvo, em específico, gostaria de trazer as percepções acerca das violências contra mulheres lésbicas e bissexuais. Sendo assim, foram buscados crimes que tratavam de lesbocídio, o homicídio contra mulheres, que, além de serem alvos de violências pela condição do gênero feminino, são vítimas também por fugirem do padrão heteronormativo de sexualidade. Ou seja, são homicídios que além de serem sustentados pelo gênero, é também sua intersecção com a sexualidade. No entanto, ao buscar pelos crimes de lesbocídio, não foi possível encontrar resultados que se equiparavam com os outros eixos. Nesses casos, além de não ser comum referenciar a essas mulheres como lésbicas, quando o termo é utilizado são referentes a questões muito específicas, não envolvendo homicídios consumados.

Portanto, compreendemos que a mídia tem um papel fundamental na construção de sentidos, e isso não seria diferente quando se trata da forma como os crimes são noticiados. A falta de posicionamentos críticos acerca da violência age também como forma de naturalização desses atos, logo, a estrutura misógina é perpetuada. Existe uma real necessidade de tratar desses crimes de forma ampla, e não como casos isolados. A forma como essas discussões e as emoções – principalmente o ódio – são apagadas, contribui para que essas pautas não sejam tratadas com sua devida importância. Dessa forma, há um distanciamento do tratamento dessa questão como um problema sociocultural.

Ainda assim é importante ressaltar que a misoginia não está presente apenas quando se trata de crimes fatais, na realidade, esse ódio às mulheres é arquitetado em pequenos atos que são moldados pela estrutura patriarcal e machista do contexto em que vivemos. Sendo assim, é importante questionar essa realidade, de forma que esses crimes parem de ser naturalizados, e que a violência não seja perpetuada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABOIM, Sofia. Do público e do privado: uma perspectiva de gênero sobre uma dicotomia moderna. **Revista Estudos Feministas**, v. 20, p. 95-117, 2012.

ABREU, Ana Claudia da Silva. Transfeminicídio e lesbocídio: corpos femininos abjetos e mortes invisibilizadas. **Criminologias e políticas criminais**, p. 60, 2021.

AHMED, Sara. **The cultural politics of emotion**. Edimburgo: Edinburgh University Press/Routledge, 2014.

ALEIXO, Mariah Torres. Do crime passional ao feminicídio: assassinatos de mulheres e Antropologia das Emoções no Correio do Povo. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 18, n. 53, p. 55-69, 2019.

BRUDHOLM, Thomas; JOHANSEN SCHEPELERN, Birgitte. **Pondering hatred**. In: Emotions and Mass Atrocity: Philosophical and Theoretical Explorations, p. 81-103, 2018.

CALDEIRA, Bárbara et al. A violência de gênero nas páginas de dois jornais impressos mineiros. In: LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto; ANTUNES, Elton (Orgs.). **Um problema cotidiano: jornalismo e violência contra a mulher no Brasil**. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2020, p. 65-80.

CERQUEIRA, Daniel Ricardo de Castro Coordenador et al. **Atlas da violência 2021**. 2021.

CORRÊA, Mariza. Morte em família: representações jurídicas de papéis sexuais. **Judicialização da Violência de Gênero em Debate: Perspectivas analíticas**, 1983.

CORRÊA, Sonia Onufer; MUNTARBHORN, Vitit; CO-PRESIDENTE, Co-Presidenta. Princípios de Yogyakarta. **Principios sobre la aplicación de la legislación internacional de derechos humanos en relación con la orientación sexual y la identidad de género**, 2007.

FOLLADOR, Kellen Jacobsen. A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental. **Revista fato & versões**, v. 1, n. 2, p. 3-16, 2009.

FREIRE FILHO, João. **Correntes da felicidade: emoções, gênero e poder**. MATRIZES, v. 11, n. 1, p. 61-81, 2017.

FREIRE FILHO, João; ANJOS, Júlia dos; LOPES, Amanda Rezende. **A ocultação do ódio: mídia, misoginia e medicalização**. In: HELLER, Bárbara; CAL, Danila; ROSA, Ana Paula. (Orgs.). **Midiatização, (in)tolerância e reconhecimento**. Salvador: Edufba, 2020, p. 61-81.

FREIRE FILHO, João; DOS ANJOS, Júlia Cavalcanti Versiani. Jornalismo, misoginia e a revitimização da mulher. In: **E-Compós**. 2022.

G1 ALAGOAS. Mulher morta a facadas na porta de casa em Arapiraca era cabeleireira e natural do RN. 06 fev. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2023/02/06/mulher-morta-a-facadas-na-porta-de-casa-em-arapiraca-era-cabeleireira-e-natural-do-rn.ghtml>. Acesso em: 14 maio 2023.

G1 ALAGOAS. Mulher morta a facadas na porta de casa em Arapiraca era cabeleireira e natural do RN. 06 fev. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2023/02/06/mulher-morta-a-facadas-na-porta-de-casa-em-arapiraca-era-cabeleireira-e-natural-do-rn.ghtml>. Acesso em: 14/05/2023.

G1 MATO GROSSO. Ministério Público denuncia filho de deputado de MT por feminicídio e homicídio qualificado. 30 de jan. de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2023/01/30/ministerio-publico-denuncia-filho-de-deputado-de-mt-por-feminicidio-e-homicidio-qualificado.ghtml>. Acesso em: 14 de maio de 2023.

G1 MOGI DAS CRUZES E SUZANO. Polícia acredita em crime de ódio e tem três suspeitos no caso de jovem grávida encontrada morta em mala em Mogi. 22 de jun. de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2022/06/22/policia-acredita-em-crime-de-odio-e-tem-tres-suspeitos-no-caso-de-jovem-gravida-encontrada-morta-em-mala-em-mogi.ghtml>. Acesso em: 14/05/2023.

G1 PARANÁ. Quem era Francislaine Santos, mulher assassinada pelo ex-namorado com golpe de estilete no Paraná. 11 set. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2022/09/11/quem-era-francislaine-santos-mulher-assassinada-pelo-ex-namorado-com-golpe-de-estilete-no-parana.ghtml>. Acesso em: 14/05/2023.

G1 RIO DE JANEIRO. Com quase 50 passagens pela polícia, preso por morte da ex-mulher no Rio confessa o crime: 'Dei tiro nela'. 26 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/07/26/com-quase-50-passagens-pela-policia-a-preso-por-morte-da-ex-mulher-no-rio-confessa-o-crime-dei-tiro-nela.ghtml>. Acesso em: 14/05/2023.

G1 RIO DE JANEIRO. Mulher é assassinada em Niterói; ex-companheiro é suspeito do crime. 26 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/07/26/mulher-e-assassinada-em-piratininga-niteroi.ghtml>. Acesso em: 14 de maio de 2023.

G1 RIO DE JANEIRO. Polícia prende suspeito de feminicídio e de ocultar o corpo da companheira na Baixada Fluminense. 07 out. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/10/07/policia-prende-suspeito-de-feminicidio-e-de-ocultar-o-corpo-da-companheira-na-baixada-fluminense.ghtml>. Acesso em: 14/05/2023.

G1 RIO GRANDE DO SUL. Por ciúme, mulher é morta pelo companheiro após receber mensagem no celular em Veranópolis, diz polícia. 22 out. 2022. Disponível em:

<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2022/10/22/por-ciume-mulher-e-morta-pelo-companheiro-apos-receber-mensagem-no-celular-em-veranopolis-diz-policia.ghtml>. Acesso em: 14/05/2023.

G1 SUL DE MINAS. Companheiro de mulher morta na zona rural de Juruáia é indiciado por homicídio triplamente qualificado. 10 de mar. de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2023/03/10/companheiro-de-mulher-morta-na-zona-rural-de-juruaiia-e-indiciado-por-homicidio-triplamente-qualificado.ghtml>. Acesso em: 14 de maio de 2023.

G1 TRIÂNGULO MINEIRO. Relacionamento tóxico, possessivo e abusivo, irmã de mulher assassinada pelo namorado policial descreve a relação. 10 jan. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2023/01/10/relacionamento-toxico-possessivo-e-abusivo-irma-de-mulher-assassinada-pelo-namorado-policial-descreve-a-relacao.ghtml>. Acesso em: 14/05/2023.

G1 VALE DO PARAÍBA E REGIÃO. Filho de mulher morta em Atibaia diz que suspeito de feminicídio era ‘possessivo’. 22 mar. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2023/03/22/filho-de-mulher-morta-em-atibaia-diz-que-suspeito-de-feminicidio-era-possessivo.ghtml>. Acesso em: 14/05/2023.

G1. Caso Mariana Thomaz: acusado vai a júri popular por feminicídio e estupro. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2022/05/31/caso-mariana-thomaz-acusado-vai-a-juri-popular-por-feminicidio-e-estupro.ghtml>. Acesso em: 14/05/2023.

G1. Família de mulher trans morta a facadas em Salvador diz que vítima sofria violência doméstica: ‘Queremos que a justiça seja feita’. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2022/07/28/familia-de-mulher-trans-morta-a-facadas-em-salvador-diz-que-vitima-sofria-violencia-domestica-queremos-que-a-justica-seja-feita.ghtml>. Acesso em: 15/05/2023.

G1. Irmã de mulher trans encontrada morta após desaparecer na Bahia pede justiça: ‘Foi assassinada brutalmente’. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2023/03/02/irma-de-mulher-trans-encontrada-morta-apos-desaparecer-na-bahia-pede-justica-foi-assassinada-brutalmente.ghtml>. Acesso em: 15/05/2023.

G1. Morre mulher trans que teve corpo queimado na Bahia. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2023/04/01/morre-mulher-trans-que-teve-corpo-queimado-na-bahia.ghtml>. Acesso em: 15/05/2023.

G1. Mulher morta pelo ex-namorado do marido discutiu com o assassino por ciúmes antes do crime. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2023/03/24/mulher-morta-pelo-ex-namorado-do-marido-discutiu-com-o-assassino-por-ciumes-antes-do-crime.ghtml>. Acesso em: 14/05/2023.

G1. Mulher trans brutalmente agredida em Palmeira dos Índios, AL, diz à polícia que foi vítima de crime de ódio. Disponível em:

<https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2022/09/09/mulher-trans-brutalmente-agredida-em-palmeira-dos-indios-al-diz-a-policia-que-foi-vitima-de-crime-de-odio.ghtml>. Acesso em: 15/05/2023.

G1. Mulher trans é morta a pauladas pelo companheiro em Campo Grande. Disponível em: <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2022/11/20/mulher-trans-e-morta-a-pauladas-pelo-companheiro-em-campo-grande.ghtml>. Acesso em: 15/05/2023.

G1. Mulher trans morta em Maceió tinha saído de casa há 3 dias sem documentos nem celular, diz família. Disponível em: <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2023/03/13/mulher-trans-morta-em-maceio-tinha-said-o-de-casa-ha-3-dias-sem-documentos-nem-celular-diz-familia.ghtml>. Acesso em: 15/05/2023.

G1. Polícia prende suspeito de matar mulher trans após festa em Ceilândia, no DF; vídeo mostra momentos antes do crime. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/08/02/policia-prende-suspeito-de-matar-mulher-trans-apos-festa-em-ceilandia-no-df-video-mostra-momentos-antes-do-crime.ghtml>. Acesso em: 15/05/2023.

G1. Suspeito de tentativa de homicídio contra mulher trans em Niterói é preso. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/11/30/suspeito-de-tentativa-de-homicidio-contramulher-trans-em-niteroi-e-preso.ghtml>. Acesso em: 15/05/2023.

G1. Suspeito de tentativa de homicídio contra mulher trans em Niterói é preso. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/11/30/suspeito-de-tentativa-de-homicidio-contramulher-trans-em-niteroi-e-preso.ghtml>. Acesso em: 15/05/2023.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

GRUPO GAY DA BAHIA. **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil - 2019**: Relatório do Grupo Gay da Bahia. Salvador, 2020. Disponível em: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtbrasil.org/wp-content/uploads/2022/05/Relatorio-2019.pdf>. Acesso em: 20/06/2023.

HOOKS, bell. **Teoria feminista**: da margem ao centro. 1. ed. [S.l.]: Perspectiva, 2019. p. 1-254.

Instituto Igarapé. **Sistema de saúde no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Igarapé, 2020. Disponível em: https://eva.igarape.org.br/health_system/br. Acesso em: 05 jul. 2023.

JAGGAR, A. M. **Love and knowledge**: emotion in feminist epistemology. *Inquiry*, Chicago, v. 32, n. 2, p. 151-176, 1989.

KOLNAI, A. **An Essay on Hatred**. In: MCALLER, G. (Org.). *Politics, Values, and National Socialism*. Londres: Transaction Publishers, 2013. p. 139-174, 1935.

KOLNAI, A. **The Standard Modes of Aversion**: Fear, Disgust and Hatred. *Mind*, v. 107, n. 427, p. 581-596, 1998.

LOPES, A. R. de. **Mulheres, política e misoginia**: o ódio on-line como instrumento de poder. 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**: ensaios e conferências. 1. ed. [S.l.]: Autêntica, 2019. p. 1-240.

LUTZ, C.; ABU-LUGHOD, L. **Language and the politics of emotion**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1990.

MANNE, Kate. **Down girl**: the logic of misogyny. Nova Iorque: Oxford University Press, 2018.

MARQUES, Emanuele Souza et al. A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, 2020.

PERES, Milena Cristina Carneiro; SOARES, Suane Felipe; DIAS, Maria Clara. **Dossiê sobre lesbocídio no Brasil**: de 2014 até 2017. Rio de Janeiro: Livros Ilimitados, p. 116, 2018.

PIMENTEL, Gabriella Hauber et al. **Conversação sobre violência no Brasil**: emoções e demandas por punição em casos de feminicídios e atos infracionais. 2021.

RAGO, M. Descobrimo historicamente o gênero. **Cadernos Pagu**, [S. l.], n. 11, p. 89–98, 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634465>. Acesso em: 5 jul. 2023.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, v. 136, p. 1, 2010.

ROSENWEIN, Barbara H.. **História das emoções**: Problemas e métodos. 1. ed. [S.l.]: Letra e voz, 2011. p. 7-47.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência** . Ministério Público do Estado da Bahia, 2004.

SARMENTO, Rayza. Mídia, gênero e política: breve mapeamento de horizontes analíticos. **Ação Midiática–Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura.**, v. 1, n. 5, 2013.

SEGATO, R. **Contra-pedagogías de la crueldad**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.

SILVA, Raquel Dornelas da Costa et al. **Dos crimes sexuais aos crimes patriarcais: narrativas de violência contra a mulher no Jornal do Brasil e no Estado de S. Paulo—1910 a 2010**. 2021.

Violência contra meninas e mulheres no 1º semestre de 2022. **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**, 2022. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/12/violencia-contra-meninas-mulheres-2022-1sem.pdf?v=v2>>. Acesso em: 01, jul. de 2023.

ANEXOS

Figura 1 - Grade de análise feminicídio

Palavras-chave: "feminicídio", "mulher morta", "mulher assassinada", "mulher morta pelo companheiro", "mulher morta pelo marido", "assassinada", "mulher morta pelo ex", "crime ódio mulher" e "crime de ódio contra mulher"																
Título	Data	Feminicídio é citado?	Fotos da vítima?	Identificação do criminoso	Agressor	Detalhes	Emoções articuladas	Raça	Idade	Local	Sexualidade/gênero	Tentado x Consumado	Fonte	Jornalista	Palavra-chave	Link
Três vítimas de feminicídio são enterradas no RJ	27/07/2022	Sim	Sim		-	-				RJ	Mulher cis	Consumado	-	RJ2	Feminicídio	https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/hot
Jovem desaparecida é encontrada morta em Maricá, no RJ	26/07/2022	Não	Sim	Não identificado, o suspeito também cometeu outros crimes	-	-		Negra, não citado no texto	18	RJ	Mulher cis	Consumado	Mãe da vítima e advogada (Sem falas diretas)	Bianca Chaboudet	link materia de cima	https://g1.globo.com/rj/regiao-dos-lagoos
Mulher é assassinada em Niterói; ex-companheiro é suspeito do crime	26/07/2022	Sim	Sim, com suspeito	Identificado com nome e fotos. Na matéria amiga da vítima pede por isso	Ex-companheiro	Final da matéria puxa webstories sobre violência doméstica	Clúmes depertou fúria, segunda amiga da vítima		27	RJ	Mulher cis	Consumado	Amiga da vítima (falas diretas), testemunhas, Policiais da Delegacia de Homicídios de Niterói, São Gonçalo e Itaboraí (DHNSC)	Eliane Santos	link materia de cima	https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/hot
Com quase 50 passagens pela polícia, preso por morte da ex-mulher no Rio confessa o crime: 'Dei tiro nela, muitos'	26/07/2022	Não	Sim	Sim, nome, foto, vídeo, passagens policiais e entrevista com ele	Ex-marido	Final da matéria puxa webstories sobre violência doméstica		Negra, não citado no texto	24	RJ	Mulher cis	Consumado	Assassino, Corpo de Bombeiros e mãe da vítima	Henrique Coelho	link materia de cima	https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/hot
Advogado acusado de feminicídio e de agressão e outra companheira é suspenso pela OAB-CE	07/07/2022	Sim	Sim, com criminoso	Sim, com nome, fotos, audios e detalhes sobre os casos	Ex-namorado	Homem identificado como advogado, vítima também. Aprofundamento no caso, mais de uma matéria sobre		Branca		CE	Mulher cis	Um consumado e uma agressão	Apenas audios do criminoso	Jéssica Costa	Feminicídio	https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/20/
Vídeo mostra vítima de feminicídio e namorado em elevador antes de crime, em prédio no Recife	09/08/2022	Sim	Print de vídeo de câmera de segurança	Sim		Ela era administradora. A matéria é bem detalhada. Final da matéria puxa webstories sobre violência doméstica					Mulher cis		Testemunhas, síndico e vídeo da tia da vítima	Pedro Alves e Vitor Oliveira, g1 PE	Feminicídio	https://g1.globo.com/belemnambuco/hot
Namorado de mulher assassinada em apartamento no Recife é indiciado por feminicídio e mais três crimes	25/08/2022	Sim	Sim	Sim temos foto e todo histórico criminal do agressor	Namorado			Branca	35	PE	Mulher cis	Consumado	Polícia civil, advogado, delegado, inquérito policial, chefe da vítima	Priscilla Aguiar e Nathália Diehl	Feminicídio Mulher assassinada	https://g1.globo.com/belemnambuco/hot
Caso Renata Alves: namorado de mulher assassinada em apartamento no Recife é denunciado por feminicídio	26/08/2022	Sim	Sim	Sim		Conclusões da investigação					Mulher cis		Síndico, Ministério Público, Polícia Civil, delegado, inquérito policial e advogados	g1 PE	Mulher assassinada	https://g1.globo.com/belemnambuco/hot
Polícia indícia por feminicídio o homem que assassinou esposa a facadas em Maceió	28/07/2022	Sim	Sim	Nome e idade	Marido	Advogada. Matéria detalha com outros sobre o mesmo caso. Criminoso tentou se matar				AL	Mulher cis	Consumado	Delegado	Erik Maia, g1 AL	Feminicídio	https://g1.globo.com/la/alagoas/noticia/2
Por ciúmes, mulher é morta pelo companheiro após receber mensagem no celular em Veranópolis, diz polícia	22/10/2022	Não	Não	Apenas companheiro, mais nenhuma info	companheiro		Clúmes		51	RS	Mulher cis	Consumado	Polícia Civil	g1 RS	Mulher morta	https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul
Caso Mariana Thomaz: acusado vai a júri popular por feminicídio e estupro, em João Pessoa	3/05/2022	Sim, feminicídio e estupro	Sim	sim, foto, profissão e nome		Vítima era estudante de medicina		Branca	25	PB	Mulher cis	Consumado		g1 PB	Feminicídio	https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/
Mulher de ex-vice-prefeito no ES é encontrada morta e feminicídio é investigado pela polícia	11/04/2023	Sim	Sim	O suspeito é identificado com nome e profissão	marido			Branca	41	ES	Mulher cis	Consumado	Polícia civil	g1 ES e TV Gazeta	Feminicídio	https://g1.globo.com/es/espirito-santo/hot
Ministério Público denuncia filho de deputado de MT por feminicídio e homicídio qualificado	30/01/2023	Sim	Sim	Sim	ex-namorado	Suspeito acusado de feminicídio contra vítima e homicídio contra o companheiro dela	Clúmes, vingança	Branca		MT	Mulher cis	Consumado	Promotor de justiça, delegado	g1 MT	Feminicídio	https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/hot
Polícia prende suspeito de feminicídio e de ocultar o corpo da companheira na Baixada Fluminense	07/10/2022	Sim	Não	Sim	companheiro	Fotos do suspeito, e mais informações sobre a ficha criminal	Clúmes			RJ	Mulher cis	Consumado		Guilherm e Santos, TV Globo	Feminicídio	https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/hot
Laudo vai confirmar possível estrangulamento de mulher morta pelo ex no Centro de Juiz de Fora	17/10/2022	Não	Não	Sim, mas não é exposto na matéria	ex-companheiro	Homem matou a mulher e em seguida se matou também			47	MG	Mulher cis	Consumado	PM, delegado,	g1 Zona da Mata	Mulher morta	https://g1.globo.com/mg/zona-de-mata/
Corpo de mulher morta com pelo menos 8 tiros em Santa Rita, PB, é identificado	15/09/2022	Não	Não	Não	-	Agressor não identificado, sem muitos detalhes: atéria diz que ela morreu com 8 tiros			45	PB	Mulher cis	Consumado	Polícia Civil, PM	g1 PB	Mulher morta	https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/
Delegado diz que mulher morta em Batalha, AL, foi vista bebendo com suspeito antes do crime	18/01/2023	Não	Sim	Sim	Não é identificad a nenhuma familiarida de	A mulher foi perseguida antes da morte			51	AL	Mulher cis	Consumado	Delegado	Vivi Leão, g1 AL	Mulher morta	https://g1.globo.com/la/alagoas/noticia/2
Companheiro de mulher morta na zona rural de Juruá é indiciado por homicídio triplamente qualificado	10/03/2023	Sim	Sim	Sim	companheiro	Homem afirma que cometeu o crime em um momento de raiva, motivado por ciúmes da mulher	Clúme, raiva	Negra	24	MG	Mulher cis	Consumado	Polícia civil, delegado	g1 Sul de Minas	Mulher morta	https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/hot
Não merecia o que aconteceu, diz avó de mulher morta a facadas em Bragança Paulista	01/12/2022	Não	Sim	Sim	Marido	Vítima morta a facadas, o crime é investigado pela Delegacia da Mulher		Negra	23	SP	Mulher cis	Consumado	Avó, Polícia Civil	g1 Vale do Paraíba e Região	Mulher morta	https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba/
Mulher morta a facadas por ex-gênero no Sul de MG é sepultada em São José	07/11/2022	Não	Sim	Sim	Ex-gênero	Mãe foi morta e filha também esfaqueada. Em seguida o agressor tirou a própria vida.			56	MG	Mulher cis	Consumado	Urbam, família, PM	g1 Vale do Paraíba e Região	Mulher morta	https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba/
Filho de mulher morta em Atibaia diz que suspeito de feminicídio era 'possessivo'	22/03/2023	Sim	Sim	Sim	Namorado	O crime aconteceu após uma discussão do casal, vítima foi jogada em um poço e criminoso fugiu	Clúmes		44	SP	Mulher cis	Consumado	Filho, polícia	g1 Vale do Paraíba e Região	Mulher morta	https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba/

Namorado de mulher morta em SC enquanto brincava com arma e agressivo e ciumento, diz polícia	27/04/2022	Não	Não	Sim	Namorado	Suspeito do crime era considerado "agressivo e ciumento". O caso é investigado pela Delegacia de Proteção à Criança, Adolescente, Mulher e Idoso (DP-Cam)	-	24	SC	Mulher cis	Consumado	Delegado, Polícia civil	Sofia Mayer, gl SC	Mulher morta	https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/hc	
Corpo de mulher morta pelo marido é sepultada em Uberlândia	13/07/2022	Sim, apenas na legenda de um vídeo	Sim			suspeito já havia sido preso e a vítima tinha acabado de retirar a medida protetiva	-					Prima, PM, Secretaria de Justiça e Segurança Pública (Sejusp)	Guilherme e Gonçalves, gl Triângulo e Alto Paranaíba	Mulher morta; Mulher morta pelo marido	https://g1.globo.com/mg/triangulo-mine	
Concluído inquérito sobre mulher morta pelo marido na frente do filho em Uberlândia; homem foi indiciado por feminicídio qualificado	22/07/2022	Sim	Sim	Sim	Marido	indiciado por feminicídio qualificado por motivo fútil, majorado (pela presença física do filho no momento da ação) e com impossibilidade de defesa da vítima	-	Branca	35	MG	Mulher cis	Consumado	Polícia Civil, prima,	Lucas Figueira, gl Triângulo e Alto Paranaíba	Mulher morta pelo marido	https://g1.globo.com/mg/triangulo-mine
Quem era Francisilaine Santos, mulher assassinada pelo ex-namorado com golpe de estilete no Paraná	11/09/2022	Sim	Sim	Sim	ex-namorado	Na matéria são apresentados alertas sobre a violência contra as mulheres	-	Branca	33	PR	Mulher cis	Consumado	Mãe, PC	gl PR	Mulher assassinada	https://g1.globo.com/pr/parana/hoticia/20
Mulher assassinada a pedradas na frente do filho em SC. Tinha medida protetiva contra ex-marido	17/04/2023	Sim	Sim	Sim	ex-marido	Assassino aconteceu na frente do filho mais novo do casal, mulher foi morta a pedradas não há motivo explícito para o crime, o casal se conhecia a pouco tempo	-	Branca	38	SC	Mulher cis	Consumado	PC	Sofia Mayer e Talita Cates, gl SC e NSC	Mulher assassinada	https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/hc
Corpo de mulher assassinada na Zona Oeste do Rio é enterrado	13/06/2022	Não	Sim	Sim	possível namorado	O crime aconteceu no primeiro encontro. Há uma humanização da vítima na matéria	-	Negra	25	RJ	Mulher cis	Consumado	Prima	Luiza Silvestrini, R02	Mulher assassinada	https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/hot
Mulher assassinada a facadas na Rocinha era sobrinha do pedreiro Amarildo	09/01/2023	Sim	Sim	Sim	Homem que a conheceu na internet		-	Negra	29	RJ	Mulher cis	Consumado	Irmãs, PM	Erick Rianelli, TV Globo	Mulher assassinada	https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/hot
Mulher assassinada a tiros e encontrada amordaçada em Boa Vista era venezuelana	28/06/2022	Não	Não	Não	-	-	-	-	27	RR	Mulher cis	Consumado	PM	gl RR	Mulher assassinada	https://g1.globo.com/rr/oraima/hoticia/2c
Corpo encontrado no Rio Mundaú é de mulher assassinada pelo primo em Mucuri, comprova IML	24/05/2022	Não	Não	Sim	Primo da vítima	Homem matou a prima, esfaqueou o marido dela e se matou. Motivos não revelados	-	-	20	AL	Mulher cis	Consumado	IML, delegado, perita	gl AL	Mulher assassinada	https://g1.globo.com/al/lagoas/hoticia/2c
Lauda necroscópico aponta que mulher assassinada em bar no interior de SP levou quatro facadas	03/05/2022	Não	Não	Sim	Duas mulheres, mãe e filha	Identificado como homicídio, motivo não revelado	-	-	30	SP	Mulher cis	Consumado	Delegado, SIC, dono do bar em que aconteceu o crime	gl Bauru e Marília	Mulher assassinada	https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/hot
Relacionamento tóxico, possessivo e abusivo, irmã de namorado policial descreve a relação	10/01/2023	Não	Sim	Sim	Namorado	O homem era policial, matou ela e em seguida se matou. A Polícia Civil também disse que a motivação para o crime foi passional e que ambos haviam ingerido bebida alcoólica	-	Branca	-	MG	Mulher cis	Consumado	Irma, delegado da PC	Bárbara Almeida e Luis Felipe Borges, TV Integração e gl Triângulo	Mulher assassinada	https://g1.globo.com/mg/triangulo-mine
Corpo de mulher assassinada em Vila Isabel é enterrado	02/05/2022	Sim, não diretamente	Sim	Sim	Marido	Homem matou e confessou. Na materialização um trecho falando sobre feminicídio	-	Negra	-	RJ	Mulher cis	Consumado	Juíz	Fernanda Craell, Born Dia Rio	Mulher assassinada	https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/hot
Mulher é morta a facadas pelo companheiro no oeste da Bahia; suspeito confessou crime à polícia	13/05/2022	Não	Sim	Sim	companheiro	Poucos detalhes, homem confessou crime	-	Negra	51	BA	Mulher cis	Consumado	-	TV Oeste e gl BA	Mulher morta pelo companheiro	https://g1.globo.com/ba/bahia/hoticia/20/
Mulher é morta pelo companheiro com facada no peito em Lagoa Grande; agressor foi socorrido com perfuração no pulmão	03/08/2022	Não	Não	Sim	companheiro	-	-	-	51	MG	Mulher cis	Consumado	PM	gl Triângulo e Alto Paranaíba	Mulher morta pelo companheiro	https://g1.globo.com/mg/triangulo-mine
Mulher é esfaqueada e corre pela rua de roupas íntimas para escapar de ser morta pelo companheiro	03/07/2022	Sim, como tentativa	Não	Sim	companheiro	Primeiro caso o homem foi autuado por tentativa de feminicídio	-	-	34	TO	Mulher cis	Tentado	PM	gl Tocantins	Mulher morta pelo companheiro	https://g1.globo.com/to/tocantins/hoticia/
Mulher é morta pelo ex-companheiro na zona Sul de Poços de Caldas, MG	21/07/2022	Não	Sim			Poucas informações sobre o caso	-						gl Sul de Minas	Mulher morta pelo ex	https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/hc	
Mulher morta pelo ex-companheiro foi esfaqueada 36 vezes em MG, aponta perícia	22/07/2022	não	sim		ex-companheiro	Homem matou a ex por ela supostamente estar atrapalhando o atual relacionamento dele. A vítima tinha medida protetiva contra ele	-		35	MG	Mulher cis	Consumado	-	gl Sul de Minas	Mulher morta pelo companheiro	https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/hc
Mulher morta a facadas já teve casa incendiada pelo companheiro em Juiz de Fora	27/02/2023	Sim	Sim	Sim	companheiro	Já havia um histórico de violências contra ela antes	-		48	MG	Mulher cis	Consumado	Registro de Eventos de Defesa Social (Reds), Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública (Sejusp) e PM	gl Zona da Mata e TV Integração	Mulher morta pelo companheiro	https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/h
Mulher é esfaqueada e morta pelo companheiro segurando filho no colo em Araxá	06/08/2022	Não	Não	Sim, mas não teve identidade nem idade divulgada	companheiro	mulher foi morta com filho no colo, ele também foi atingido	-	-	-	MG	Mulher cis	Consumado	PM	TV Integração	Mulher morta pelo companheiro	https://g1.globo.com/mg/triangulo-mine
Mulher é estrangulada, esfaqueada e morta pelo companheiro em Alfenas, MG	20/09/2022	Não	Sim	Sim	companheiro	homem cometeu suicídio depois	ciúmes	Branca	37	MG	Mulher cis	Consumado	PM	gl Sul de Minas	Mulher morta pelo companheiro	https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/hc
Mulher é morta pelo companheiro com pedrada na cabeça em Valença; assassino é preso	11/03/2023	Não	Não	Sim	companheiro	-	-	-	-	RJ	Mulher cis	Consumado	PM	gl Sul do Rio e Costa Verde	Mulher morta pelo companheiro	https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-ve
Mulher é morta pelo companheiro com golpes de machadinho em Caxias do Sul	06/07/2023	Sim	Não	Sim	companheiro	Após cometer o crime, o homem se matou. Conta com faísca da delegada titular da Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (Deam), Aline Martinelli	-	-	39	RS	Mulher cis	Consumado	delegada titular da Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (Deam)	Leonardo Portella e Gustavo Foster, RBS TV e gl RS	Mulher morta pelo companheiro	https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul

Por ciúme, mulher é morta pelo companheiro após receber mensagem no celular em Veranópolis, diz polícia	22/10/2022	Não	Não	Sim	companheiro	-	ciúmes	-	51	RS	Mulher cis	Consumado	PC	gl RS	Mulher morta pelo companheiro	https://g1.globo.com/rio-grande-do-sul
Mulher é estrangulada e morta pelo companheiro, em Buritizeiro	03/12/2022	Não	Não	Sim	companheiro	Companheiro confessou o crime	ciúmes	-	54	MG	Mulher cis	Consumado	PM	gl Grande Minas	Mulher morta pelo companheiro	https://g1.globo.com/mg/grande-minas
Mulher é morta pelo companheiro em Unai	30/01/2023	Sim	Não	Sim	companheiro	Dois casos, coletamos so o primeiro por ser feminicídio consumado	-	-	38	MG	Mulher cis	Consumado	PM, PC	Lorena Lemos, gl Grande Minas	Mulher morta pelo companheiro	https://g1.globo.com/mg/grande-minas
Mulher morta pelo ex-namorado do marido discutiu com o assassino por ciúmes antes do crime	24/03/2023	Não	Sim	Sim	ex-namorado do marido	Caso registrado como homicídio.	-	-	35	SP	Mulher cis	Consumado	Polícia	gl Santos	Mulher morta pelo marido	https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/hr
Mulher é morta pelo marido com mais de 20 facadas após discussão, diz polícia	14/05/2022	Sim	Sim	Sim	Marido	Não havia histórico de agressões	-	Branca	48	MS	Mulher cis	Consumado	PC	Renata Barros, gl MS	Mulher morta pelo marido	https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do
Mulher de 27 anos é morta pelo marido em casa, na Grande São Paulo	05/11/2022	Sim	Sim, apenas do RG	Sim	Marido	Matéria tem alerta para a quantidade de casos de feminicídio em SP	-	-	27	SP	Mulher cis	Consumado	PC	Walace Lara, SP2	Mulher morta pelo marido	https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia
Mulher é morta pelo marido em Sinop	07/11/2022	Não	Sim	Sim	Marido	Matéria não aprofunda muito no caso. Não há informações sobre o agressor	-	Branca	20	MT	Mulher cis	Consumado	PC	gl MT	Mulher morta pelo marido	https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/br
Mulher morta pelo ex a tios foi ameaçada pelo suspeito dois meses antes do crime, diz prima	10/11/2022	Sim	Sim	Sim	Ex-marido				34	SP	Mulher cis	Consumado	Prima, PM	gl Sorocaba e Jundiaí	mulher morta pelo ex	https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai
Polícia acredita em crime de ódio e tem três suspeitos no caso de jovem grávida encontrada morta em mala em Mogi	22/06/2022	Não	Sim	Três suspeitos	Ex-namorado, pai da criança que a vítima esperava e atual namorado que também é ex-padrasto	É levantada a hipótese de crime passionai	raiva		22	SP	Mulher cis	Consumado	Delegado, PC	gl Mogi das Cruzes e Suzano	Crime ódio mulher	me-de-odio-e-te
Mulher de 26 anos é morta a facadas em Cordeirópolis; companheiro suspeito do crime foi preso	25/11/2022	Sim	Sim	Sim	Companheiro		Ciúmes	Branca	26	SP	Mulher cis	Consumado	PM	gl Piracicaba e Região	Crime ódio mulher	morta-a-facadas
Mulher é morta a facadas em Darcinópolis e irmão é o principal suspeito do crime	18/10/2022	Não	Não	Suspeita	Irmão		-	-	42	TO	Mulher cis	Consumado	PM	gl Tocantins	Crime ódio mulher	morta-a-facadas-e
Mulher é morta a facadas, em Maringá; enteado é suspeito do crime, diz PM	12/05/2022	Não	Não	Sim	Enteado		-	-	--	PR	Mulher cis	Consumado	PM, PC, testemunhas	gl PR	Crime ódio mulher	ere-morta-a-fac
Mulher é assassinada a facadas em Araguaína e companheiro é o principal suspeito do crime, diz PM	01/05/2022	Sim	Sim	Sim	Companheiro		Ciúmes	-	44	TO	Mulher cis	Consumado	PM	gl Tocantins	Crime ódio mulher	a-a-facadas-em-s
Marido mata mulher a facadas no ES e confessa crime	03/06/2022	Não	Não	Sim	Marido		Ciúmes	-	56	ES	Mulher cis	Consumado	PM	Rosi Bredow, gl ES e TV Gazeta	crime ódio mulher	022/06/03/mulhe
Mulher morta a facadas na porta de casa em Arapiraca era cabeleireira e natural do RN	06/02/2023	Não	Sim	Sim	-	A matéria humaniza a vítima falando sobre ela. No fim indicam que o caso sera investigado por um delegado	-	Branca	27	AL	Mulher cis	Consumado	Irmão	Vivi Leão, gl AL	Mulher morta	https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2/

Figura 2 - Grade de análise transfeminicídio

Palavras-chave: "mulher trans morta", "mulher trans assassinada", "transfeminicídio", "mulher trans morta pelo companheiro", "mulher trans companheiro", "mulher trans morta pelo ex", "crime de ódio contra mulher trans"																
Título	Data	Transfeminicídio é citado?	Fotos da vítima?	Identificação do criminoso	Agressor	Detalhes	Emoções são articuladas?	Raça	Idade	Local	Sexualidade/Gênero	Tentado x Consumado	Fonte	Jornalista	Palavra-chave	Link
Mulher trans é encontrada morta com sinais de espancamento em galpão no Santos Dumont, em Maceió	11/03/2023					Garota de programa. O agressor não foi identificado em nenhuma das matérias, apenas após um mês depois, foi feita uma matéria na TV em que ele era identificado.	-	-	19	AL	Mulher trans	Consumado	delegado		Mulher trans morta	https://g1.globo.com
Mulher trans morta em Maceió tinha saído de casa há 3 dias sem documentos nem celular, diz família	13/03/2023	Não	Sim	Não	-		-	-	19	AL	Mulher trans	Consumado	prima, PC, Instituto Médico Legal (IML)	Vivi Leão	Mulher trans morta	https://g1.globo.com
Câmera flagrou mulher trans chegando com um homem ao local em que foi morta em Maceió	17/03/2023												delegado, PC, família	GI AL		https://g1.globo.com
Mulher trans de 27 anos é morta a tiros dentro de casa no norte da BA	17/03/2023	Não	Sim	Não identificado	-	Materia sem nenhuma resposta sobre o crime, apenas informativa. Não há outros desdobramentos	-	-	27	BA	Mulher trans	Consumado	PC,	g1 BA e TV São Francisco	Mulher trans morta	https://g1.globo.com
Corpo de mulher trans que estava desaparecida é encontrado em matagal no oeste da BA, vítima foi identificada pelas roupas	01/03/2023					O caso de desaparecimento já vinha sendo tratado como possível Crime Violento Letal Intencional - CVLII (Homicídio Consumado), e a polícia informou que seguirá com as investigações para identificar os suspeitos. Irmã da vítima pede por justiça na matéria.	-	-				Consumado	PC,	g1 BA e TV Oeste	Mulher trans morta	https://g1.globo.com
Irmã de mulher trans encontrada morta após desaparecer na Bahia pede justiça: 'assassinada brutalmente'	02/03/2023	Não	Sim			Nenhuma informação sobre quem cometeu o crime	-	-		BA	Mulher trans	Consumado	irmã, PC	g1 BA	Mulher trans morta	https://g1.globo.com
Policia vai fazer reconstrução do assassinato de mulher trans no oeste da BA após contradições de suspeitos	21/04/2023				Dois suspeitos, um se entregou e o outro nega participação	Suspeitos apresentam contradições em depoimentos. Ambos disseram que o crime foi cometido após um desentendimento com a vítima por causa dos valores cobrados em um programa.	-	-				Consumado	PC, delegado, irmã	g1 BA e TV Oeste		https://g1.globo.com
Mulher trans é morta a tiros durante discussão em bar em Patos de Minas	13/02/2023	Não	Sim	-	-	Homem atirou em uma briga de bar. Vítima era cabeleireira e designer de sobrancelhas. No fim da matéria há um aviso "Reportagem em atualização"	-	negra		MG	Mulher trans	Consumado	PC, delegado, irmã	Betina Scaramussa e Luis Felipe Borges	Mulher trans morta	https://g1.globo.com
Mulher trans é encontrada morta com marcas de tiro, em Jaíba	25/01/2023	Não	Não	Não	possível cliente	garota de programa. Testemunhas dizem que o crime aconteceu por ela cobrar um programa, a PM diz que é por conta de um acerto de contas em relação a droga	-		29	MG	Mulher trans	Consumado	PM, testemunhas	Nátia Gomes	Mulher trans morta	https://g1.globo.com
Mulher trans é morta e esquartejada em Vigário Geral	07/01/2023	Não	Sim	Não	Cliente	garota de programa. violência brutal/esquartejamento	-	Negra	31	RJ	Mulher trans	Consumado	família	g1 rio	Mulher trans morta	https://g1.globo.com
Mulher trans é morta a tiros no bairro de São Marcos, em Salvador	28/12/2022	Não	Não	Não	-	materia sem muitas informações além do relato do caso. NOME DA VITIMA NÃO FOI DIVULGADO	-			BA	Mulher trans	Consumado	PM	GI BA	Mulher trans morta	https://g1.globo.com
Mulher trans é morta a pauladas pelo companheiro em Campo Grande	20/11/2022	Sim, crime registrado como feminicídio	Não	Sim	Companheiro	Forma como o crime aconteceu é muito detalha, partindo dos registros do BO. Crime foi registrado como feminicídio.	-		37	MS	Mulher trans	Consumado	-	José Câmara	Mulher trans morta	https://g1.globo.com
Irmã de mulher trans morta a tiros em Jaboticabal diz que presenciou o crime: 'Fiquei muito em pânico'	17/10/2022	Não	sim	Apenas indicam que é um cliente	CLIENTE	Garota de programa. O caso foi registrado como duplo homicídio e lesão corporal	-			SP	Mulher trans	Consumado	irmã, PM	g1 Ribeirão Preto e Franca	Mulher trans morta	https://g1.globo.com

Família de mulher trans morta a facadas em Salvador diz que vítima sofria violência doméstica. 'Ela era impedida de estudar'	28/07/2022	Não	Sim, em grupo	SIM	Ex-companheiro	Matéria relata que ela era engajada, mas sofria violência doméstica. Polícia Civil afirmou que, para não atrapalhar a apuração do caso, não é possível informar quais são as linhas de investigação do caso	-	Negra	31	BA	Mulher trans	Consumado	família, coordenador do Centro de Promoção e Defesa dos Direitos LGBTQI+ do Estado da Bahia (CPDD)	GI BA	Mulher trans morta	https://g1.globo.com/bahia/noticias/2022/07/28/familia-de-mulher-trans-morta-a-facadas-em-salvador-diz-que-vitima-sofria-violencia-domestica-ela-era-impedida-de-estudar-g1.html
Mulher trans é assassinada a pedradas em Belém do São Francisco	31/05/2022	Não	sim	Não	-	materia sem muitas informações além do relato do caso. Mulher morta a pedradas	-	Negra	19	PE	Mulher trans	Consumado	PC	gl Petrolina	Mulher trans assassinada	https://g1.globo.com/pernambuco/noticias/2022/05/31/mulher-trans-é-assassinada-a-pedradas-em-belém-do-são-francisco-g1.html
Mulher trans é assassinada a tiros no Jaraguá, Zona Norte de SP	20/03/2023	sim	sim	Identificado, sem nome nem fotos. Foi ouvido pela polícia e liberado	cliente	Garota de programa. Caso mais detalhado, mas sem respostas sobre o suspeito. Registrado como homicídio	-	-	32	SP	Mulher trans	Consumado	amigos da Secretaria da Segurança Pública de São Paulo, BO	gl SP	Mulher trans assassinada	https://g1.globo.com/sp/noticias/2023/03/20/mulher-trans-é-assassinada-a-tiros-no-jaraguá-zona-norte-de-sp-g1.html
Mulher trans é assassinada a tiros após briga em bar, em Parauapebas	07/05/2022	Não	Sim	Não	-	Matéria não traz detalhes do caso	-	Negra	-	PA	Mulher trans	Consumado	testemunhas	gl Pará	Mulher trans assassinada	https://g1.globo.com/par%C3%A1/noticias/2022/05/07/mulher-trans-é-assassinada-a-tiros-após-briga-em-bar-em-parauapebas-g1.html
Mulher trans é assassinada a tiros em Lagoa Grande	14/05/2022	Não	Não	Não	-	Poucos detalhes do caso, no final trazem um contexto de violência contra pessoas trans Suspeito preso. O caso foi registrado pela Polícia Civil como homicídio	-	-	-	PE	Mulher trans	Consumado	testemunhas, PC	gl Petrolina	Mulher trans assassinada	https://g1.globo.com/pernambuco/noticias/2022/05/14/mulher-trans-é-assassinada-a-tiros-em-lagoa-grande-g1.html
Mulher trans é assassinada a facadas em Porto Ferreira	29/01/2023	Não	Sim	Sim, foi preso	-	materia mais detalhada, Ela era cabeleireira e teve o corpo queimado pelo ex-companheiro	"Isso não é amor... amor não mata"	-	44	BA	Mulher trans	Consumado	família	gl BA e TV Santa Cruz	Mulher trans companheiro	https://g1.globo.com/bahia/noticias/2023/01/29/mulher-trans-é-assassinada-a-facadas-em-porto-ferreira-g1.html
Morre mulher trans que teve corpo queimado na Bahia, diz família; ex-companheiro foi preso suspeito do crime	01/04/2023	Não	Video	Sim, nome e foto	ex-companheiro	caso sem conclusões, apenas levantam a investigação ex não aceitava fim do relacionamento o. materia não apresenta nenhuma conclusão	-	-	-	AM	Mulher trans	Consumado	sargento	gl AM	Mulher trans companheiro	https://g1.globo.com/amapa/noticias/2023/04/01/morre-mulher-trans-que-teve-corpo-queimado-na-bahia-diz-familia-ex-companheiro-foi-preso-suspeito-do-crime-g1.html
Corpo de mulher trans aparece boiando em Igarapé de Manaus	28/05/2022	Não	Não	Não	-	relacionament	-	-	-	AM	Mulher trans	Consumado	família, nota da PC	gl AM	Mulher trans companheiro	https://g1.globo.com/manaus/noticias/2022/05/28/corpo-de-mulher-trans-appeare-boiando-em-igarape-de-manaus-g1.html
Mulher trans é assassinada a facadas em Tucuruí, no PA	17/06/2022	Não	Não	Suspeito é ex-companheiro	ex-companheiro	Não foi caso de transfeminicídio, apenas agressão. Identifica-se na materia como crime de ódio	-	-	-	PA	Mulher trans	Consumado	família, nota da PC	gl Pará	Mulher trans companheiro	https://g1.globo.com/par%C3%A1/noticias/2022/06/17/mulher-trans-é-assassinada-a-facadas-em-tucuru%C3%AD-g1.html
Mulher trans brutalmente agredida em Palmeira dos Índios, AL, diz à polícia que foi vítima de crime de ódio	09/09/2022	Não	video	ela identificou	-	suspeito indiciado por feminicídio, identidade do suspeito não divulgada	ódio	Negra	-	AL	Mulher trans	Tentado	delegado	Heliana Gonçalves, gl AL	crime de ódio contra mulher trans	https://g1.globo.com/alagoas/noticias/2022/09/09/mulher-trans-brutalmente-agredida-em-palmeira-dos-indios-al-diz-a-policia-que-foi-vitima-de-crime-de-odio-g1.html
Polícia prende suspeito de matar mulher trans após festa em Ceilândia, no DF; vídeo mostra momentos antes do crime	02/08/2022	Sim, feminicídio.	Sim	Não divulgado	-	Foi uma tentativa de homicídio. Matéria com bastante informação. homicídio por conta de sua orientação sexual e em decorrência de religião - a umbanda. Delegada e presidente da Comissão de Direitos Humanos e Cidadania da OAB Niterói como fonte. Falas da vítima.	-	Branca	20	DF	Mulher trans	Consumado	PC	Afonso Ferreira, TV Globo	crime de ódio contra mulher trans	https://g1.globo.com/distrito-federal/noticias/2022/08/02/policia-prende-suspeito-de-matar-mulher-trans-apos-festa-em-ceilandia-no-DF-video-mostra-momentos-antes-do-crime-g1.html
Suspeito de tentativa de homicídio contra mulher trans em Niterói, é preso	30/11/2022	Não	Sim	Sim, nome completo e relação com a vítima e o pai dele. Foto do agressor	Sim, nome completo e relação com a vítima e o pai dele. Foto do agressor	-	-	Negra	26	RJ	Mulher trans	Tentado	Vitima, delegada, advogada e presidente da Comissão de Direitos Humanos e Cidadania da OAB Niterói, gl entou contato com o criminoso, mas não conseguiu	Guilherme Santos e Rafael Nascimento de Souza, TV Globo e gl Rio	crime de ódio contra mulher trans	https://g1.globo.com/niteroi/noticias/2022/11/30/suspeito-de-tentativa-de-homicidio-contra-mulher-trans-em-niteroi-e-preso-g1.html